

REVISTA *Águas* do Rio Doce

Fortalecendo a gestão das águas pelo desenvolvimento sustentável

Ano IV – nº 8 – Abr / Mai / Jun / Jul – 2008

Circulação Dirigida – R\$8,50

PARTICIPAÇÃO A hora é esta



ESPECIAL
Montanhas de aço, os
horizontes da mineração

ENTREVISTA
Vítor Feitosa: a
sustentabilidade
é parte do negócio

**FÓRUM
DAS ÁGUAS**
Do Doce para
o mundo



ENSAIO FOTOGRAFICO
ORQUÍDEAS DO
BAIXO DOCE



Existem muitas maneiras de melhorar o mundo. O conhecimento é a mais importante delas.

A UVV acredita que a melhor maneira de contribuir para o crescimento sustentado do nosso Estado, do país e do planeta, é oferecer uma educação de excelência. A formação completa e abrangente da UVV, focada em valores e princípios sócio-culturais e ambientais, de cidadania e de responsabilidade social, faz toda a diferença para os nossos mais de 12.000 profissionais atuantes no mercado produtivo capixaba, no Brasil e no exterior.

Ofertamos cursos superiores de graduação tradicional; de graduação tecnológica; de formação específica e programas de especialização, inclusive na área do meio ambiente (graduação tecnológica em Gestão Ambiental; graduação tradicional em Ciências Biológicas com ênfase em Meio Ambiente; Mestrado em Ecologia de Sistemas; e Mestrado em Ciência Animal). Todos reconhecidos pelo MEC com os melhores conceitos. Em cada um deles você conta com a experiência de 32 anos da UVV, dedicados exclusivamente ao ensino superior.

Para a UVV, o conhecimento é tão vital para o planeta quanto é a água para todos os seres vivos. Representa a maior contribuição que podemos dar para a vida desta e das próximas gerações.

Programa de Mestrado em Ecologia de Ecossistemas da UVV

Para saber mais sobre esta especialização, sobre outros programas e demais cursos de excelência ofertados pela UVV, acesse www.uvv.br



Conhecimento. Indispensável.



JAGUARÉ

Capital do Café Conilon

Com pouco mais de 20 mil habitantes, Jaguaré é conhecido como o maior produtor nacional do café da variedade conilon. A cultura é responsável por 65% da produção agropecuária do município e por concentrar praticamente metade da população na zona rural.

Por ano são produzidas 600 mil sacas de café em 1.421 propriedades existentes no município. A expectativa é que a produção chegue em breve a um milhão de sacas ao ano, e para isso os produtores estão formando parcerias e investindo em alta tecnologia.

Depois da cafeicultura, o petróleo é a segunda principal atividade econômica de Jaguaré,

representando cerca de 20% da receita total do município. Só o campo de extração da Fazenda Alegre, funcionando desde 2001, é responsável por 57% da produção do Norte do Espírito Santo, sendo atualmente o maior campo em atividade do estado. Hoje são 62 poços de extração de petróleo instalados no município, com produção de até 27 mil barris por dia.

A colonização italiana e a migração em grande escala na época das grandes safras proporcionam ao município diversas manifestações culturais ao longo do ano: a Dança do Café, o Maneiro-pau – dança do tipo guerreira –, capoeira, quadrilhas e Dança da Fita, a tradicional

encenação da Paixão de Cristo, entre outras. A cultura local também se mostra viva através do Projeto Talento na Praça, uma feira de artesanato com apresentações de dança e teatro, exposições de pinturas e esculturas em praça pública.

Banhado pelo rio Barra Seca, o município é divisor de águas das bacias hidrográficas dos rios São Mateus, localizado ao norte, e Doce, ao sul. Tem em sua paisagem duas belas lagoas, a do Macaco e a da Suruaca, além de estar inserido numa das regiões mais ricas e belas do Espírito Santo, ao lado de municípios como Sooretama, Linhares, São Mateus e Vila Valério.

FRUTICULTURA



Conhecido também como a Capital do Maracujá, Jaguaré vem ganhando destaque no mercado da fruticultura. Através da Coopruj – Cooperativa dos Produtores Rurais de Jaguaré – os produtores de maracujá, abacaxi, mamão e laranja são incentivados a aumentar e melhorar suas plantações, o que contribui para a geração de emprego e renda para o município e seus moradores. A cooperativa atende também os municípios de Linhares, Sooretama e São Mateus, contando com 74 cooperados.

Uma parceria entre a Coopruj, o Banco do Nordeste e a indústria de polpas Trop Frutas do Brasil garantirá o escoamento da produção, possibilitando a ampliação das plantações de maracujá na cidade. Hoje são 140 hectares, em breve serão plantados

mais 300, gerando aproximadamente 1.200 novos empregos. De acordo com Wander Boninsenha, presidente da cooperativa, a expectativa é que a produção chegue a 11 mil toneladas, gerando uma receita bruta de R\$8,5 milhões para o município. 30% da produção, de qualidade e aparência superior, serão direcionados ao mercado de frutas de mesa, e os 70% restantes destinados à indústria.

Uma das contrapartidas da Coopruj neste projeto é destinar 0,5% da produção para entidades filantrópicas da cidade. “Nos preocupamos com a responsabilidade social e ambiental. Os projetos que serão irrigados estão sendo feitos conforme a legislação ambiental, tais como outorga da água e registro de barragens”, explica Boninsenha.

CAFEICULTURA

O café conilon é de grande importância para a agricultura brasileira e ocupa posição de destaque entre os produtos de exportação. Conhecido também como café robusta, por sua aparência e resistência, é utilizado especialmente na indústria de café solúvel.

A competitividade no setor cafeeiro exige que os cafeicultores tomem providências para aumentar a produtividade, e nos últimos tempos a irrigação por gotejamento é uma das saídas mais adotadas. O sistema controla a quantidade de água que cada pé recebe de acordo com a umidade do ar.

A introdução de sistemas por gotejamento na cultura do café em escala comercial ocorreu, no País, durante os anos 90. Na segunda metade dessa década o gotejamento se popularizou e sua aplicação em lavouras de café cresceu significativamente.



HISTÓRIA

Em maio de 1946, colonos vindos de Jaciguá e algumas famílias italianas atravessaram a ponte do rio Barra Seca e se instalaram às margens da atual BR-101, ao longo da então lagoa Jaguaré, entre São Mateus e Linhares.

Somente em 1981 Jaguaré deixou de ser distrito de São Mateus e se emancipou, no dia 31 de janeiro, quando hoje se comemora o aniversário da cidade.



Carta ao Leitor

Realizamos o 4º Fórum das Águas do Rio Doce.

Compromissos foram firmados e agendas de trabalho elaboradas por vários segmentos da sociedade, visando ampliar e reforçar o rol de ações na bacia voltadas para sua revitalização sociocultural e ambiental, em suporte ao cumprimento de metas de sustentabilidade e desenvolvimento para a região.

Até o próximo Fórum das Águas do Rio Doce, possivelmente em 2010 ou 2011, concentraremos esforços no apoio à execução das agendas de trabalho, no fortalecimento e criação de novas redes cooperativas temáticas e acordos de cooperação técnica. Em 2009 realizaremos e apoiaremos eventos temáticos: saneamento ambiental, ciência tecnologia e inovação em recursos hídricos, educação para o desenvolvimento, agricultura sustentável, etc.

O momento é promissor!

Cada unidade de gestão descentralizada do Doce está desenvolvendo um Plano de Recursos Hídricos, assim como haverá um Plano de Integração de toda a bacia; um exemplo nacional de amadurecimento! A sociedade do Doce deve procurar envolver-se efetivamente nesse processo histórico, definidor, em grande parte, dos rumos da região no que se refere a questões hídricas, principalmente quanto à sua relação com o desenvolvimento regional.

A hora é esta!

Participe da construção de um Doce melhor!

Edmilson Costa Teixeira

Pedro Paulo de Oliveira Martins

Zaira de Andrade Paiva

ÍNDICE

6 Fórum das Águas
Conclusão de uma etapa

17 Redes do Doce
No caminho da integração

22 Especial
A mineração na berlinda

66 Entrevista: Vítor Feitosa
As empresas e o meio ambiente



45 Ensaio Fotográfico:
Orquídeas do baixo rio Doce,
mostra de rara beleza

Sempre com a gente:

Cidades da Bacia: 3 e 81
Bom Exemplo: 41, 42, 43 e 44
Povo da Bacia: 37
Eu Sou do Doce: 31
Território da Memória: 35
Acontece no lema: 38
Parcerias e Investimentos: 20, 28, 32, 40 e 76
Artigos: 8, 10, 12, 14, 16, 19, 29 e 46
Zé Dendágua: 72
Espaço das Águas: 74
Nas Águas do Doce: 78

Revista Águas do Rio Doce

Edição: Zaira Andrade - MTb-3169/MG

Redação: Fabiane Arêdes MG10280JP,

Swellen Batista 013386/MG, Beatriz Niemeyer

Copydesk: Iberê Paiva

Revisão: Carlos Alberto Fontinha - MTb-417
Iberê Paiva

Projeto Gráfico e Diagramação:

Edilene Puccini - edilene@aguasdoriodoce.com.br

Ilustração: Marcos Santana

Fotografia: Alex Cavali, Antônio Cosme, Antônio Ruy, Edilene Puccini, Fabiane Arêdes, Fernanda Ruy, José Roberto Guasti, Júnior Almeida, Marcelo Sputi, Mário Carvalho Neto, Marlon V. Eller, Rosali Franco, acervos da Aderc, Associação Projeto Águas do Rio Doce, Seama/lema e prefeituras de Jaguaré e Piedade de Caratinga.

Colaboração: Anderson Soares, Davidson Oliveira, Eloi Campos, Fabiane Torres, Gicélia Alonso de Souza, Júnior Almeida, Karla Libardi, Leandro Oliveira, Maria de Fátima Q. Martins, Maria Fernanda, Natália Andrade, Paulo Randow, Pedro Fabiano, Priscilla Fabiana e Sandra L. Rodrigues.

Responsável pelo Ensaio das Orquídeas: Marcelo Cogo

Impressão: Gráfica Brasil - Lider / Caratinga-MG

gbrasillider@prodatanet.com.br

Tiragem: 10 mil exemplares

Fale conosco: redacao@aguasdoriodoce.com.br

CP 13 - Dom Cavali-MG / CEP: 35 148-000

Telefone: (33) 3357 1399

Departamento Comercial: Eri Pimenta

comercial@aguasdoriodoce.com.br - 55 (33) 8401 9085

Departamento Financeiro: Deisy Cristina Oliveira

financeiro@aguasdoriodoce.com.br - 55 (33) 3357 1459

Uma publicação do:

Projeto Águas do Rio Doce

www.aguasdoriodoce.com.br

Revista
Águas do Rio Doce

Coordenação:

Edmilson Costa Teixeira

Pedro Paulo de Oliveira Martins

Zaira de Andrade Paiva

FÓRUM DAS ÁGUAS DO RIO DOCE

Informação e participação social

Tudo começou em Governador Valadares-MG, em 2005. No ano seguinte, em solo espírito-santense, foi a vez de Colatina. De volta a Minas Gerais, Ipatinga foi a sede em 2007. Para encerrar com chave de ouro, em 2008, Linhares-ES, o 4º Fórum das Águas do Rio Doce consagrou-se como um marco para a sociedade.

Foram mais de 350 mil visitantes em quatro eventos. Cada um saiu de lá conhecendo melhor a bacia do Doce; viu o trabalho das empresas preocupadas com o meio ambiente; participou de debates, cursos, palestras, oficinas, assistiu a centenas de atrações culturais e artísticas que resgataram e promoveram o sentimento "Eu sou do Doce".

Quatro anos de crescimento e amadurecimento, dentro do Fórum e ao redor dele.

Em seu interior, o número de atividades se multiplicou. Institucionalmente o apoio governamental foi um importante indicador. No primeiro ano o evento contou com a chancela do Igam e do Iema – órgãos gestores de água em seus respectivos estados. No segundo ano as secretarias de estado de meio ambiente abraçaram a causa. Semad e Seama assinaram o evento. Em 2007, os governos dos estados entenderam que podiam colocar a sua logomarca e foram além: a cerimônia de abertura teve os dois governadores, Aécio Neves e Paulo Hartung. Em Linhares foi a vez do Governo Federal dar sua chancela, através da inserção da logomarca da ANA – Agência Nacional de Águas.

Da mesma forma, cresceu a participação das instituições não governamentais e dos usuários de água da bacia. Os reflexos foram vistos nos stands da Feira das Águas, nos palestrantes e no público das atividades técnico-científicas, no Fórum dos Prefeitos e em todas as atividades do evento. Os resultados apresentaram-se na integração dos órgãos gestores de Minas, Espírito Santo e Governo Federal; na sensibilização dos empresários e no envolvimento da sociedade em busca de conhecimento, alternativas e soluções para as questões de desenvolvimento da bacia. O fórum ofereceu espaço para que todos se sentassem à mesma mesa, discutissem e apresentassem suas opiniões e sua competência.

Durante esses quatro anos o cenário da bacia mudou para melhor por diversos motivos, e o Fórum das Águas do Rio Doce certamente está entre eles. Novos comitês de bacias foram criados e os demais se fortaleceram; o Fórum Mirim, que tanto encanta a todos, nasceu e deu seus primeiros frutos; o sonho de um plano de bacia seguiu com energia seu caminho e está se tornando realidade agora, com participação popular, respeitando e contando com o apoio dos comitês estaduais.

Após a conclusão dos quatro fóruns é perceptível o quanto eles ajudaram a sociedade a compreender seu papel. A bacia do rio Doce quer participar e está pronta para isto.





COMITÊS DE BACIAS CAMINHADA DE FORTALECIMENTO

O primeiro Fórum das Águas do Rio Doce teve a participação dos quatro comitês mineiros da bacia do Doce até então em funcionamento: Caratinga, Piracicaba, Piranga e Santo Antônio. Do Espírito Santo, participaram seis comitês, mas nenhum da área de abrangência da bacia, pois ainda não haviam sido criados. O CBH-Doce teve durante o evento seu primeiro exercício verdadeiro de integração ao realizar uma eleição de conciliação entre mineiros e capixabas.

De lá para cá foram criados os três comitês da porção espírito-santense do Doce: Santa Maria, Guandu e São José. Do lado mineiro, foram instalados o CBH-Manhuaçu e o CBH-Suaçuí, completando as unidades de planejamento e gestão previstas.

Apesar de todas as dificuldades causadas pela falta de recursos materiais e humanos sempre apontada pelos comitês, eles vão se consolidando e ocupando o devido espaço na sociedade. Nos quatro fóruns das águas tiveram oportunidade de se conhecer e trocar experiências. Agora é a hora de ver na prática a tão sonhada integração das políticas das águas dos dois estados e da União.

PLANO DA BACIA: CHEGOU A HORA DE PARTICIPAR

Nos próximos meses será discutido e elaborado o PIRH-Doce – Plano Integrado de Recursos Hídricos da Bacia do Rio Doce, período em que os atores da bacia, de olho nas águas do Doce e seus afluentes, vão refletir sobre seu próprio futuro. Planejando as ações e metas de melhoria da qualidade e quantidade das águas, vão definir as diretrizes de crescimento e desenvolvimento deste vasto território.

Para sua elaboração o plano terá ampla participação da sociedade, com audiências públicas em cada unidade de planejamento e gestão acompanhadas pelos comitês dos rios afluentes. O processo que estabeleceu as regras para contratação do PIRH-Doce começou em setembro de 2004, com a criação do primeiro grupo de trabalho no âmbito do CBH-Doce. Foram muitos encontros, debates e oficinas de trabalho envolvendo os órgãos gestores – ANA, Igam e Iema, o CBH-Doce e os comitês dos afluentes.

Finalmente chegou a hora. Os espaços de participação estão abertos. Cabe a cada segmento, a cada instituição, a cada cidadão ajudar a definir a água, o rio, a bacia hidrográfica que teremos no futuro.



Conscientização ambiental: resultados do 4º Fórum junto à sociedade

Henrique Lobo*

O 4º Fórum das Águas do Rio Doce veio mostrar que a ciência e o conhecimento estão cada vez mais de mãos dadas com a sociedade. A informação leva os seres humanos a repensarem as questões ambientais, na valorização de suas realidades locais, e na bacia hidrográfica do rio Doce não é diferente. Levar o conhecimento técnico-científico à comunidade local dá uma nova cara ao verdadeiro sentido do desenvolvimento sustentável, a sociedade se sente mais próxima do entendimento do novo, na mudança de atitudes.

Este Fórum foi assim à busca constante das pessoas locais de Linhares e dos representantes de diversos municípios do rio Doce, tentando entender sua bacia, seu manancial e sua região. Vimos de perto as crianças, os jovens, os adultos, buscando entender o rio onde moram. E muitas perguntas eram feitas e muitas curiosidades esclarecidas. "Este rio Doce vai secar? Vamos ter água para mais quantos anos? E a qualidade das águas, melhorou?"

"Buscamos um desenvolvimento econômico baseado na agropecuária, mas esse foi o ideal para as terras do rio Doce?" São esses os comentários da sociedade. "O que mudou desde a ocupação humana? Só desmatamos, só queimamos, só retiramos os recursos naturais?" As gerações passadas buscaram um modelo econômico para o desenvolvimento que muitas vezes não as favoreceu. Hoje podemos ver uma bacia hidrográfica com os solos sem muita produção.

E esta geração atual, o quê buscar? Para onde ir? É nesse momento que o conhecimento e a conscientização ambiental se fazem fortes, nos dando uma nova visão do todo. A sociedade passa a entender que se não mudarmos as nossas atitudes vamos cada vez mais ficar empobrecidos. O Vale do Rio Doce vem tendo um esvaziamento de pesso-

as, a emigração é real pela perda do bem natural.

O Fórum nos deu elementos para uma visão macro da bacia do Doce e fez com que cada vez mais pessoas entendam a importância da bacia para seu município, estado e país. O envolvimento da sociedade como um todo nos faz mais próximos da nossa realidade, em pensarmos juntos um novo desenho para as nossas comunidades. Passa a ser um dever de casa para todos.

Uma bacia hidrográfica acidentada, um mar de morros, com 80% de pastagens degradadas de uma área de 83.500 Km², já foi domínio da Mata Atlântica. Um rio de 897 Km de extensão, com 230 municípios e onde moram 3,5 milhões de pessoas. Precisamos conhecer para se possível acertar, pelo futuro das nossas gerações. Herdamos uma bacia com 4% da cobertura florestal original, um rio com 0,90m de profundidade média. A conscientização faz a diferença, e neste Fórum temos a esperança de que um novo entendimento brotou na sociedade: a água é essencial para a vida, o nosso rio é vivo e nós precisamos dele.

Como esta lá em Jó 14:9: "Há esperança para a árvore cortada, mesmo que na terra apodreça a sua raiz, ao cheiro das águas, brotará, e crescerá e produzirá muitos frutos". Este é o verdadeiro sentido do desenvolvimento sustentável, e que sejamos como esta árvore nova, para produzir muitos frutos para a nossa e as futuras gerações.

O que nós temos feito pelo rio Doce? As crianças são ótimas e nos fazem avaliar a cada dia nossas atitudes. Elas têm um coração de paz e estão prontas a assimilar o aprendizado. Que nós possamos ser professores para a vida, para o nosso rio, e não falarmos: "olha, ali passou um rio que era grande e tinha o nome de Doce, e hoje é um riacho". Tenha atitudes ambientais para a vida e seja um guardião do rio Doce.

* Henrique Lobo é Engenheiro Agrônomo e Ambientalista

FÓRUM DAS ÁGUAS DO RIO DOCE



PATRONO

O escritor e cartunista Ziraldo, riodocense de nascimento, foi o patrono do 4º Fórum das Águas do Rio Doce. Ao lado dele estiveram presentes nos quatro dias de evento inúmeras autoridades e personalidades locais, regionais, nacionais e internacionais.





Protagonismo juvenil: um exercício de cidadania

Carlos Sangalia*

Manhã de sol do dia quatro de abril. Jovens representantes das escolas das redes municipal, estadual e particular de ensino fundamental começavam a chegar de várias partes do município de Linhares e vizinhos e se juntavam a outros jovens das cidades de João Monlevade-MG e Ipatinga-MG, para tomar parte do II Fórum Mirim das Águas do Rio Doce.

Os trabalhos foram iniciados com uma dinâmica de integração dos participantes. Acompanhados de facilitadores da Semec – Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Linhares – e parceiros, os jovens partiram em grupos mistos para visitas técnicas *in loco*, num processo de integração espontânea e trocas de experiências. Os objetivos eram observar e vivenciar as oportunidades de conhecimento oferecidas pelo Doce e as amargas condições em que o rio se encontra. Os relatos das visitas foram debatidos em grupos de trabalho no retorno à UAB, onde se realizava o 4º Fórum das Águas do Rio Doce.

Um grupo seguiu com destino à fazenda Santa Clara, margeando o rio Doce na precária estrada de chão batido de acesso à vila de Povoação. No trajeto observaram o assoreamento do rio e puderam vivenciar na fazenda a cultura do cacau e sua contribuição na preservação da Mata Atlântica no baixo rio Doce.

Outro grupo seguiu pela ponte sobre o rio Doce até o Incaper – Instituto Capixaba de Pesquisa e Extensão Rural – para conhecer os projetos de pesquisa de práticas agrícolas sustentáveis que o órgão vem desenvolvendo. No caminho a Floresta Nacional dos Goytacazes, à margem da BR 101, chamou a atenção para os últimos vestígios de Mata Atlântica primária próxima ao rio.

Qual a qualidade da água que a população de Linhares consome? Como é feito o saneamento no município? Para responder a estas e outras perguntas um grupo foi visitar o Saae – Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Linhares.

As fábricas de móveis foram observatórios pedagógicos de reflexão dos jovens. Nos relatos os participantes apontaram as práticas menos impactantes observadas, como a utilização de madeira reflorestável, tratamento de partículas de pó no ar e os projetos de gestão ambiental destas empresas.

O segundo dia de Fórum Mirim foi reservado para debates e proposições nos grupos de trabalho acerca do tema "Do Doce Para o Mundo", além das oportunidades, os problemas socioambientais, causas, efeitos e medidas para melhorar e ou minimizar o avanço da degradação na bacia. Na visão dos participantes, os GTs foram espaços pedagógicos construídos pelos próprios jovens, onde puderam exercitar a cidadania, o discurso, a análise, a síntese, a liderança e o trabalho em equipe.

No fim foi elaborado um documento com resoluções dos debates dos GTs e das propostas validadas em plenária. Para pôr estas ações em prática foi traçada em plenária a Agenda de Ações, que deverá ser implementada até o próximo Fórum Mirim pela Comissão Mista composta por jovens mineiros e capixabas, eleitos também em plenária. Para a garantia da continuidade de todo este processo, a Comissão deverá contar com o suporte da organização do evento, da Semec e de outros parceiros.

O documento final do Fórum Mirim foi apresentado na reunião do CBH-Doce, com o objetivo de mostrar que os jovens estão cientes da problemática degradação socioambiental que vem amargando o rio Doce e de que são necessárias ações para impedir que o futuro ambiental destes jovens seja ameaçado. Foi um alerta de que os jovens sabem o que querem e estão conscientes que seu futuro está ameaçado pelas atuais gerações, para pôr isso em prática precisamos oportunizar mais fóruns de discussão e exercício do protagonismo juvenil, como o Fórum Mirim.

*Carlos Sangalia fez parte como facilitador do II Fórum Mirim. É arte-educador, esteve 14 anos no setor de EA da Fundação Pro TAMAR em Regência, atualmente é Coordenador do Projeto EcoCidadania/ASCOR/PETROBRAS desenvolvido na Planície Costeira do Rio Doce, em Linhares

FÓRUM DAS ÁGUAS DO RIO DOCE



DEBATE

Com as parcerias do Governo do Espírito Santo, do Governo de Minas Gerais, do Governo Federal, através da ANA – Agência Nacional de Águas, das empresas e instituições da sociedade civil, foi possível realizar quatro dias intensos de programação técnico-científica. Os resultados poderão ser percebidos na gestão dos recursos hídricos da bacia do Doce e no envolvimento da sociedade com as questões relacionadas à água.





Terceira Idade no 4º Fórum das Águas do Rio Doce

Dina Judith*

Apesar de negarmos, somos um povo preconceituoso, porém velado.

Ao distinguirmos as pessoas pela etnia, classe social, grau de escolaridade e outros, ignoramos o que deveria ser enfatizado. É preciso usar a capacidade de discernimento e reconhecer que o ser humano tem direito de preservar sua origem e sua essência. Ele não escolheu, foi escolhido. O preconceito força a anulação desta realidade, os estigmas soam como ofensas. Cada um precisa ser reconhecido por seus valores.

A idade é um exemplo forte de preconceito. Quando o cidadão atinge a faixa etária que lhe possibilita esbanjar experiência, conhecimento, ter uma visão social e profissional muito mais ampla, passa a sofrer assédio moral sendo chamado de velho, incapaz de acompanhar as mudanças, modernizar-se.

Aqui vamos nos ater às pessoas que já têm uma longa história de vida para contar, as que já se encontram na terceira idade ou que dessa fase da vida se aproximam. As fases da vida deveriam ser valorizadas pelo grau de conhecimento ou experiência que representam, e cada uma é a preparação para a próxima. Desde os vinte anos, quando se está cheio de vigor e dúvidas, passando pelos quarenta, com muito trabalho e mais certezas, todos devem saber que não abandonando os saudáveis hábitos da boa leitura, do bom diálogo e dos exercícios físicos, só terão acrescentadas coisas importantes às suas vidas para aos 65 anos se sentirem realmente na melhor idade.

Pode parecer que estou em estado de euforia, mas tenho motivo para isso. Quando recebi o convite para formar um grupo de recepcionistas da terceira idade para o 4º Fórum das Águas do Rio Doce, não hesitei em aceitar, certa de que não faltariam voluntários. Era a grande oportunidade de provar que é possível superar preconceitos, destacando-se pelo talento e esforçando-se ao máximo para aproveitar o espaço julgado perdido devido à idade.

A realidade foi muito além das expectativas! Formar a equipe foi muito fácil porque ao serem convi-

dadas aquelas pessoas ficaram naturalmente motivadas e felizes, cheias de planos para dar o melhor de si. Contrariando o pensamento de muitos, essas pessoas se mostraram preocupadas com o meio ambiente, com a demora em tomar as providências que deveriam ser imediatas visando preservação e sustentabilidade.

O grupo demonstrou preocupação com as crianças, orientando a estarem sempre atentas à preservação do meio ambiente: em casa, na escola, na rua, onde forem. Uma senhora do grupo, dona de casa, com 79 anos de idade, comentou que naqueles poucos dias tomou conhecimento de assuntos que até então não tinha tido oportunidade, e que já estava transmitindo aos seus familiares. Uma grande prova da importância da conscientização para toda população das questões ligadas à preservação da natureza.

Foi motivo de grande felicidade ouvi-los dizer que eventos dessa importância deveriam acontecer mais vezes para poderem participar novamente. Foram quatro dias que permanecerão em suas memórias para sempre.

Essa oportunidade dada pelos organizadores do evento foi uma experiência inédita de responsabilidade social por aqui. Por motivo que desconhecemos, raramente os empregadores dão oportunidade a tantos potenciais que certamente se tornariam excelentes colaboradores. Seria muito interessante procurá-los, às vezes estão escondidos atrás de algumas rugas e de alguns cabelos brancos.

Deixamos aqui registrada nossa admiração pela grandiosidade do evento e seus resultados positivos. Não podemos omitir nosso orgulho de poder dizer que a Terra do Verde e das Águas sediou o maior evento do gênero no Brasil, e que dele fez parte um grupo de quarenta pessoas da terceira idade de Linhares, que parabenizamos e agradecemos pela belíssima atuação.

*Dina Judith Castilhioni é administradora de empresas e coordenou o grupo de recepção do 4º Fórum das Águas do Rio Doce

FÓRUM DAS ÁGUAS DO RIO DOCE



DO DOCE PARA O MUNDO

Mais do que tema do 4º Fórum das Águas do Rio Doce, esta expressão de orgulho da bacia foi mostrada de diversas maneiras, sob o ponto de vista de instituições não governamentais, governos municipais, autarquias e usuários de água. Os variados segmentos da sociedade marcaram presença no evento.





4º Fórum: a juventude na gestão das águas doces

Emília Rutkowski*

"...Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda..." Cecília Meireles

Na discussão do Fórum Global, em 1992, os movimentos sociais e as ONGs, no Tratado das Águas Doces, consideraram que: "A água, elemento vital para os ecossistemas e para as sociedades humanas, se torna progressivamente um recurso de escassez crescente, tanto pela sua disponibilidade quantitativa, quanto qualitativa para os diferentes usos sociais. [Entretanto,] há uma consciência crescente de entender a água de maneira integral. Isto implica uma compreensão a partir de distintas perspectivas:

- a. como elemento vital para a sobrevivência da biodiversidade e das sociedades;
- b. como recurso vital para o desenvolvimento de diversas atividades econômicas;
- c. como recurso natural, que por seu caráter limitado adquire valor econômico;
- d. como recurso ambiental e patrimônio comum que a sociedade deve usar, preservar e conservar, realçando os aspectos culturais e espirituais envolvidos."

Assim, por ser objeto de múltipla apreensão pela sociedade, a água é um recurso estratégico importante para o desenvolvimento.

A I Conferência da Juventude afirma serem os jovens agentes estratégicos do desenvolvimento. Assumem para si a responsabilidade de protagonistas neste processo de construção da democracia. Maneiras há várias de protagonizar este processo, quando se tem na gestão das águas o caminho.

A Política Nacional de Recursos Hídricos reorganizou administrativamente o território nacional ao dividi-lo por bacias hidrográficas, induzindo um diálogo com diversas políticas nacionais de atuação sobre o território. Estas políticas, a partir da Política Nacional de Meio Ambiente, em 1981, es-

tabeleceram sistemas de gestão nas três esferas de governo – federal, estadual e municipal – com conselhos participativos, na maioria deliberativos. Na esfera ambiental, há o Sisnama – Sistema Nacional de Meio Ambiente –, o SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação – e o SNRH – Sistema Nacional de Recursos Hídricos. Na saúde há o SUS – Sistema Único de Saúde –, enquanto na política urbana há os conselhos das cidades. Alguns estados da Federação, ou mesmo alguns municípios, possuem conselhos de saneamento, e algumas empresas públicas de saneamento também possuem conselhos administrativos participativos. Estes conselhos são espaços de controle social que precisam ser apropriados pelas entidades de representação da juventude.

Uma representação a ser exercida com autonomia e emancipação, para experimentar, tomar decisões e apreender o futuro como exigência da vida, não como um mero exercício de imaginação. Afinal, a porta de entrada para o futuro detém a herdada dívida ambiental, que para ser transformada em créditos futuros impõe a mudança da matriz de produção e consumo. Do CUD para os Rs, ie; do Compro muito, Uso pouco e Descarto sempre para Reduzo (compro necessário), Reuso (uso muito) e Reciclo (mantenho na cadeia produtiva), para uma prática cotidiana de consumo responsável e consciente.

Nesta perspectiva, a gestão das águas como um processo estratégico de desenvolvimento cria oportunidades de trabalho, emprego e renda a partir desta nova matriz, que induz o jovem consumidor responsável também a atuar nos espaços de representação, consciente do seu protagonismo transformador de dívida em créditos para a sua e as futuras gerações.

*Emília Rutkowski é Bióloga, MSc. Limnologia, Dra. Arquitetura e Urbanismo (USP), chefe do Departamento de Saneamento e Ambiente da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo/UNICAMP, coordenadora do Fluxus – Laboratório de Estudos em Sustentabilidade Socioambiental e Redes Técnicas/UNICAMP e professora pesquisadora nos cursos de graduação em engenharia civil; arquitetura e urbanismo; e de pós-graduação em engenharia civil [área saneamento e ambiente]/UNICAMP

FÓRUM DAS ÁGUAS DO RIO DOCE



GERAÇÃO FUTURA

Envolver e institucionalizar a participação das crianças e adolescentes na questão das águas é um desafio e uma busca permanente. Em Colatina nasceu a idéia de criar um fórum de discussões exclusivo para eles. Em 2007, em Ipatinga, o Fórum Mirim virou realidade.

Na ocasião foi feita a primeira reunião com representação de mais de trinta municípios da bacia. De um colegiado de 250 jovens foi eleita uma diretoria que conduziu o Fórum Mirim por um ano, realizando palestras e incentivando a criação de fóruns municipais.

Em Linhares, a segunda reunião do Fórum Mirim foi um sucesso ainda maior. De forma inteligente e com visão de integração a nova diretoria eleita tem agora dois coordenadores, um de Minas Gerais e um do Espírito Santo.





Fórum das Águas do Rio Doce: um marco em Minas

José Carlos Carvalho*

... todo desejo a gente realizar alcança – se tiver ânimo para cumprir (Guimarães Rosa)

Ao tomar conhecimento dos resultados do 4º Fórum das Águas do Rio Doce estas palavras do homem de Cordisburgo não saíam de minha cabeça. E não sem razão: só mesmo a vontade ferrenha dos que já viram o grande rio do leste mineiro em dias melhores é capaz de reunir vontades, esforços e recursos de toda ordem para montar um dos eventos mais significativos do nosso calendário ecológico. Um evento em que, mais do que enfatizar os bons resultados alcançados na recuperação do rio – o que seria justo fazer –, todos se empenham na discussão e busca de novas saídas para os desafios identificados no prosseguimento dessa tarefa.

No Fórum, calam-se as vaidades particulares, as pequenas discordâncias – normais num projeto de tal magnitude –, para que todos possam se concentrar naquilo que realmente importa, que realmente leva tantos profissionais, autoridades, ambientalistas e cidadãos de boa vontade às reuniões: os caminhos mais efetivos e eficientes para recuperar o rio Doce e sua bacia hidrográfica, as ações mais conseqüentes e de resultados mais amplos ali desenvolvidas.

Isso transformou o Fórum das Águas do Rio Doce num espaço institucional da maior importância para mobilizar lideranças e comunidade a lutar sem desânimo, buscando dar ao Doce uma feição mais próxima da que já teve no passado, e à população melhores condições de vida. É um momento de fundamental importância para a difusão dos princípios da lei de gerenciamento de recursos hídricos e para o concerto das ações e decisões dos comitês de bacia.

Creio que todos os que trabalham na recuperação do rio Doce vejam, como eu, que o Fórum é um momento em que a educação ambiental – no seu melhor sentido – se evidencia. Ali estão reunidos todos – ou quase todos – que conhecem os problemas da bacia: de pequenos agricultores que lutam

pela preservação das águas, valorizam suas terras e sustentam suas lavouras de subsistência, até os grandes diretores das empresas de papel e celulose que exportam para o mundo inteiro. Também ali comparecem governadores de Minas Gerais e Espírito Santo, grandes pecuaristas, doutores em diversos temas ligados a água e meio ambiente, ao lado de gente simples do povo. Mas o mais importante são duas grandes ausências: a da arrogância e da descrença.

Ninguém do Fórum se pretende detentor de todas as verdades, de todas as respostas; ninguém se desanima com as dificuldades enfrentadas, nem se perde em lamúrias infrutíferas. Os cidadãos que ali estão querem trocar idéias, somar descobertas, repartir seus problemas e juntos, democraticamente, traçar suas metas e objetivos para mais um caminhar.

Quem descre na capacidade de nosso povo em desenhar o seu futuro deve passar por este Fórum: ali se respira competência criadora, humildade institucional e esperança fundamentada no trabalho. Ou seja: a essência do fazer cotidiano dos nossos comitês de bacia. Do esforço integrado do nosso Instituto Mineiro de Gestão das Águas e da sociedade civil já resultou a criação de sete comitês de bacias na área, cujo trabalho de mobilização social, de solução de conflitos e harmonização de interesses tem sido notável. Os comitês são peças chave, por exemplo, no desenvolvimento do projeto Produtor de Água, esclarecendo os proprietários rurais sobre os objetivos deste trabalho, suas ações e levando-os a se engajar, efetivamente, na proteção de nascentes. Estamos certos de que não lhes faltará fôlego para o prosseguimento desta ação.

Temos certeza de que no 5º Fórum eles ali estarão com a humildade dos que agem e a determinação dos que transformam.

*José Carlos Carvalho é Secretário de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais

REDES DO DOCE

Cumprindo o papel a que se propôs de articulação e mobilização da sociedade, o Projeto Águas do Rio Doce vem trabalhando para criar, apoiar e colocar em prática redes de cooperação. A proposta é que além do fortalecimento dos setores em que atuam, elas tragam resultados concretos em desenvolvimento sustentável para a bacia. Foi fomentada a criação de quatro redes. Três delas já estão articuladas (Ciência, Tecnologia & inovação; Saneamento Ambiental; e Educação para o Desenvolvimento Sustentável) e uma ainda se encontra em fase de estruturação (Conservação e Biodiversidade). As agendas das redes foram construídas durante o 4º Fórum das Águas do Rio Doce e o Projeto atua como sua secretaria executiva.

PRÁTICA DE COOPERAÇÃO E FORTALECIMENTO

A primeira das redes de cooperação do Doce, de Ciência, Tecnologia & Inovação, foi criada durante o 1º Fórum das Águas do Rio Doce, realizado em Governador Valadares. Após amplo trabalho de diagnóstico e organização da rede, ela conquistou um resultado prático de suma importância: a publicação de um edital específico para aplicação em pesquisas na bacia do rio Doce.

O CT-Hidro – Fundo Setorial de Recursos Hídricos, e secretarias de Meio Ambiente de MG e do ES, lançam este ano o primeiro edital para temas de pesquisa específicos para a bacia do Doce no valor de R\$ 3 milhões. Desde total, R\$ 1,5 milhão são recursos do CT-Hidro, R\$ 1 milhão da Secretaria de Ciência e Tecnologia de Minas Gerais e R\$ 500 mil da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Outra característica do edital é que as instituições só poderão

concorrer a ele em forma de consórcio, valorizando o conceito de redes. Como segunda ação, será elaborada uma Agenda para Pesquisa e Desenvolvimento do Doce, consultoria contratada com recursos do CT-Hidro, onde serão identificadas as demandas, capacidades operacionais, quem é quem, e quem tem interesse em desenvolver trabalhos na bacia.

FÓRUM DE SANEAMENTO

A Rede de Saneamento Ambiental do Doce – criada há três anos durante o período preparatório do 2º Fórum das Águas, realizado em Colatina-ES, é hoje a que apresenta maior articulação e melhor estruturação. Através da Rede de Saneamento Ambiental do Doce começam a ser realizadas ações consorciadas visando aumento de eficiência e redução de custos. Mas possivelmente a principal conquista da rede tenha sido o fortalecimento institucional dela decorrente, com a valorização das autarquias de saneamento.

A rede tem como coordenadores Marcos Batista de Rezende, pela porção espírito-santense da bacia, e Élbio Fernandes de Moraes Filho, pelo lado mineiro do Doce. Eles pretendem realizar ainda um trabalho de mobilização dos representantes do setor e aglutinação de novos membros paralelamente ao desenvolvimento dos projetos. Como vetor de fortalecimento, a intenção da rede é promover um evento com âmbito técnico, político, temático e de mobilização; seguindo os moldes do Fórum das Águas do Rio Doce. Inicialmente, o encontro terá duração de dois a três dias, em 2009, com discussões voltadas para os temas: ações consorciadas e licenciamento ambiental. A Intenção do Projeto Águas do Rio Doce, como secretaria executiva das



Opiniões



AÇÕES CONJUNTAS

A união de pesquisadores dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, motivados pela demanda por aplicação de conhecimentos aos problemas relacionados à bacia do rio Doce, levou à proposição de linhas de trabalho ao Ministério da Ciência e Tecnologia.

As duas secretarias estaduais de Ciência e Tecnologia, após o estabelecimento de carta de intenções e de um projeto devidamente discutido com o Fundo Setorial CT-Hidro, tiveram o pleito aprovado para financiamento de projetos de pesquisas em três áreas: cheias e secas; enquadramento de corpos hídricos; recursos hídricos e subterrâneos e interação com usos.

Duas dimensões fundamentais são observadas em projetos dessa natureza: a ação integrada entre estados com aproveitamento de recursos hídricos comuns e a priorização de pesquisas em objetivos de extrema importância social e econômica.

Foi um passo importante para o sistema de C&T do Espírito Santo, elogiado pelas agências financiadoras federais. Certamente terá como desdobramento a institucionalização de uma linha estratégica de estudos em recursos hídricos, financiada por longo prazo. Espera-se que resultados intermediários e definições de rumos futuros possam ser compartilhados com a sociedade civil organizada, o que consolidará o uso responsável de recursos públicos em pesquisa científica.

Rogério Queiroz, Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo



Opiniões



MOBILIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES

"A expectativa diante da atuação da Rede é muito grande. Esperamos que a partir das decisões tomadas na reunião de Valadares, o trabalho a que nós demos início há alguns anos possa ser complementado. Do lado mineiro da bacia já existe um grupo trabalhando sob a ótica do consórcio. Buscaremos a adesão maior dos outros municípios que ainda não estão participando e, com isso, teremos uma melhor cobertura em relação à bacia do Doce no que se refere a saneamento".

*Élbio Fernandes de Moraes Filho
Coordenador da Rede de Saneamento em MG*

redes, é a realização de um evento paralelo voltado para a Rede de Ciência, Tecnologia & Inovação.

Ainda no segundo semestre de 2008 a rede pretende realizar um treinamento e um curso de capacitação no lado mineiro da bacia e, igualmente, no lado espírito-santense. Para isso, as demandas de cada instituição membro do grupo serão levantadas através de uma sondagem. Posteriormente, serão definidas as prioridades e as ofertas de cursos e treinamentos para o agendamento de datas e locais.

EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

A Rede de Educação para o Desenvolvimento Sustentável se originou a partir de uma das seis unidades programáticas do Fórum das Águas do Rio Doce, a Unidade Geração Futura. Tem quatro níveis de públicos alvo: 1) crianças e adolescentes estudantes de escolas públicas e privadas; 2) Professores; 3) Gestores de ensino; 4) Gestores ambientais.

A Rede pretende trabalhar de forma integrada, preparando crianças e adolescentes do ensino fundamental e médio para atuarem em sintonia

com os princípios do desenvolvimento sustentável, formando assim cidadãos com uma visão ampla e sólida no se refere à questão ambiental da bacia. O objetivo é realizar este trabalho dentro da sala de aula, sendo que os professores, segundo público alvo da rede, os agentes de informação.

De acordo com a proposta, o trabalho será realizado através de material didático adequado, produzido pela rede e aprovado pelos órgãos competentes como MEC, secretarias de educação estaduais e municipais e superintendências de ensino de esfera federal, regional, estadual e municipal; terceiro público alvo. Alguns materiais que atendem a esse perfil já foram produzidos pelo PARD, como o Atlas Escolar e o Quebra-Cabeça da Bacia do Doce. Como quarto e último público alvo estão os gestores ambientais como o Ministério do Meio Ambiente, ANA, Igam e Iema, além dos comitês de bacia. Durante o 4º Fórum das Águas, o MEC já discutiu os primeiros trabalhos dentro do Fórum Mirim. Cidades como Ipatinga, João Monlevade e Linhares são chaves na estruturação da Rede.



O que são redes?

Basicamente, redes são grupos de instituições com interesses comuns que se unem a fim de agrupar objetivos e necessidades para ganhar representatividade em suas respectivas áreas. Elas trabalham com base nos conceitos de cooperação mútua – compartilhar o que tenho de bom, seja em conhecimento, tecnologia ou serviços, sabendo que receberei o mesmo em troca. Pensar, analisar e atuar em forma de rede permite uma visão muito mais ampla e sistêmica da bacia, abrindo possibilidades e provendo meios técnicos para solucionar problemas em uma escala muito maior; além de aglutinar recursos materiais suficientes para garantir financiamentos, executar obras, etc. Isto é, o setor se fortalece em todos os aspectos, se integra, adquire conhecimento e poder para buscar a excelência em vez de permanecer nas ações pequenas e isoladas.



Modelos de gestão de saneamento predominantes no Brasil

Marcos Resende*

No início da década de 30, os sistemas de saneamento das maiores cidades do país eram operados por empresas concessionárias privadas, em geral estrangeiras. Em outros municípios, órgãos públicos da administração direta encarregavam-se dos serviços, sendo, em geral, denominados Departamentos de Água e Esgoto. Contudo, na maior parte das cidades, não havia qualquer organização administrativa para a prestação desses serviços.

Nas últimas três décadas coexistiram basicamente dois modelos de gestão no setor de saneamento no país: um descentralizado, promovido pelo setor de saúde, com a implantação dos serviços municipais de saneamento; outro centralizado, promovido pelo Planasa - Plano Nacional de Saneamento, que foi o modelo predominante. Fomentados pelo Governo Federal, embora por órgãos diferentes, os dois modelos funcionaram de forma antagônica durante todo esse tempo, possuindo características completamente diferentes.

O modelo descentralizado constitui a contribuição mais significativa da atuação do setor de saúde na área de saneamento, sendo preconizado e difundido inicialmente pelo Sesp - Serviço Especial de Saúde Pública, criado em 1942, posteriormente transformado em Fsesp - Fundação Serviços de Saúde Pública, hoje Funasa - Fundação Nacional de Saúde. Com o objetivo de desenvolver serviços de saúde e saneamento no interior do país, ainda nos anos 40, a instituição começou a trabalhar com o saneamento básico junto aos municípios. A partir do início dos anos 50, iniciou-se a implantação de serviços municipais de saneamento, organizados na forma de autarquias por intermédio de convênios de assistência técnica com municípios localizados na bacia Amazônica e no Vale do Rio Doce.

Com o tempo, a experiência se estendeu para todo o Brasil, vindo a transformar-se na mais antiga e contínua política de saneamento de caráter nacional do país. A partir de 1966 houve uma expansão desses serviços, quando com a intervenção da Fsesp, cerca de 120 municípios contaram com recursos oriundos de financiamento do BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento. Hoje, mais de 2 mil municípios brasileiros contam com os serviços de suas próprias autarquias municipais de saneamento.

Neste modelo foi priorizada a integração das ações de saúde pública e saneamento, com o intuito de prevenir doenças e agravos causados por falta de água tratada e destinação adequada para o esgoto. As ações são direcionadas, privilegiando áreas com perfis epidemiológicos passíveis de serem atenuados por intervenções de saneamento, com o estabelecimento de critérios para aplicação de recursos. Existe maior aproximação do modelo descentralizado com os princípios do SUS, permitindo maior participação e controle social, pois o poder decisório está estabelecido na própria comunidade.

Já o modelo de gestão centralizado, predominante no setor de saneamento brasileiro, foi definido pelo extinto BNH - Banco Nacional de Habitação, por intermédio do Planasa, o qual promoveu a centralização das ações pelas Cesb - Companhias Estaduais de Saneamento Básico. Essas empresas absorveram a maior parte dos serviços de saneamento existentes, passando a atuar diretamente nos municípios, por meio de contratos de concessão. Para realizarem investimentos, contavam com apoio financeiro do BNH, com base nos recursos do FGTS. Mesmo após a extinção do BNH, em meados da década de 80, permanece, até hoje, basicamente o mesmo modelo, cobrindo 70% dos municípios brasileiros.

Apesar dos consideráveis avanços obtidos, o atendimento das populações das periferias urbanas e das pequenas localidades do meio rural ficou comprometido, e atualmente, considera-se que esse modelo não é suficiente para universalizar o atendimento à população.

É justamente aos mais pobres que o saneamento mais falta. A maioria dos cerca de 18 milhões de pessoas que não têm acesso à água encanada nas áreas urbanas moram em habitações de baixa qualidade nas favelas, invasões, loteamentos clandestinos e bairros populares das periferias dos grandes centros, ou em pequenos municípios, particularmente do semi-árido.

Independente do sistema de gestão que é utilizado nos serviços de saneamento do país, a verdade é que mais de 88 milhões de brasileiros ainda não contam com coleta de esgoto em suas casas, sendo esta uma realidade a ser mudada.

*Marcos Batista de Resende é Engenheiro civil e sanitarista integrante do corpo técnico da Funasa e coordenador da Rede de Saneamento do Rio Doce.

VITAL ENGENHARIA

Dá certo investir em meio ambiente



A Vital Engenharia Ambiental é uma empresa preparada para oferecer soluções relacionadas à limpeza pública, através de serviços de qualidade, acompanhando as evoluções tecnológicas e capacitando seus colaboradores.

Atua em vários estados brasileiros, incluindo importantes cidades da bacia do Doce, na prestação de serviços como: coleta de resíduos; limpeza de ruas, logradouros públicos, praias e encostas; manutenção de parques e jardins; reciclagem e compostagem; destino final de resíduos.

A Vital Engenharia Ambiental faz parte do grupo Queiroz Galvão, corporação que possui uma história de determinação, trabalho e sucesso iniciada em 1953, no Recife-PE, quando os irmãos engenheiros Mário e Antônio de Queiroz Galvão fundaram a construtora com o nome da família.

Até então especializada em construir estradas, em 1963 transferiu sua sede para o Rio de Janeiro. E seguiu crescendo, atravessando as fronteiras estaduais, ganhando respeito onde chegava e buscando participar dos mais diversos segmentos da economia. O grupo Queiroz Galvão inicia a sua

diversificação operando nas áreas de exploração de petróleo e gás; siderurgia, agropecuária e alimentos; transportes urbanos; concessões de serviços públicos e financeiros. Nos anos seguintes, presente em todo o território nacional, passou a atuar em países sul-americanos – Uruguai, Peru e Bolívia.

Provando que vale a pena investir no meio ambiente, em 1995 o Grupo Queiroz Galvão passou a fazer negócios no ramo de limpeza urbana, através da Vital. Hoje os cuidados com o meio ambiente são essenciais para a empresa, que atua na execução e no incentivo a programas de coleta seletiva de lixo, construção de centros de educação ambiental e campanhas educativas para formar cidadãos conscientes.

A Vital Engenharia Ambiental inclui em suas atividades também o desenvolvimento de projetos inovadores que contribuem para a melhoria da qualidade de vida e da saúde da população.

Este é um caminho que deve ser cada vez mais seguido por empresas de visão como a Queiroz Galvão. Aproxima-se o dia em que investimentos no meio ambiente, privados ou públicos, serão coisas do dia-a-dia.



vital
ENGENHARIA AMBIENTAL

www.vitalambiental.com.br



PABX digital

ACTIVE IP

10X

sem juros

direto da fábrica

Interface para celular

chipCELL+ quadri band

As chamadas para celular vão deixar de ser um peso na sua conta telefônica. O Chipcell+ é um tronco celular para PABX de qualquer marca e modelo que permite que as ligações realizadas para um telefone celular sejam direcionadas para o tronco celular. Assim, a ligação que antes seria de linha fixa para móvel passa a ser de linha móvel para móvel, diminuindo o custo da chamada!

A partir de
R\$649,00



Centrais PABX - Interface Celular para PABX

Comunicação VoIP - Softwares para Telefonia

Acessórios e Terminais - Suporte e Projetos de Informática

Desenvolvimento de Web Sites


TELECOM
comunicação e informática

R. Rio Jaguaribí, 25 - Lj. 02 - Ferroviários - Ipatinga

Av. Catarina Cimini, 32 - Sala 04 - Centro - Caratinga

www.telecom.inf.br

(31) 3829.1950

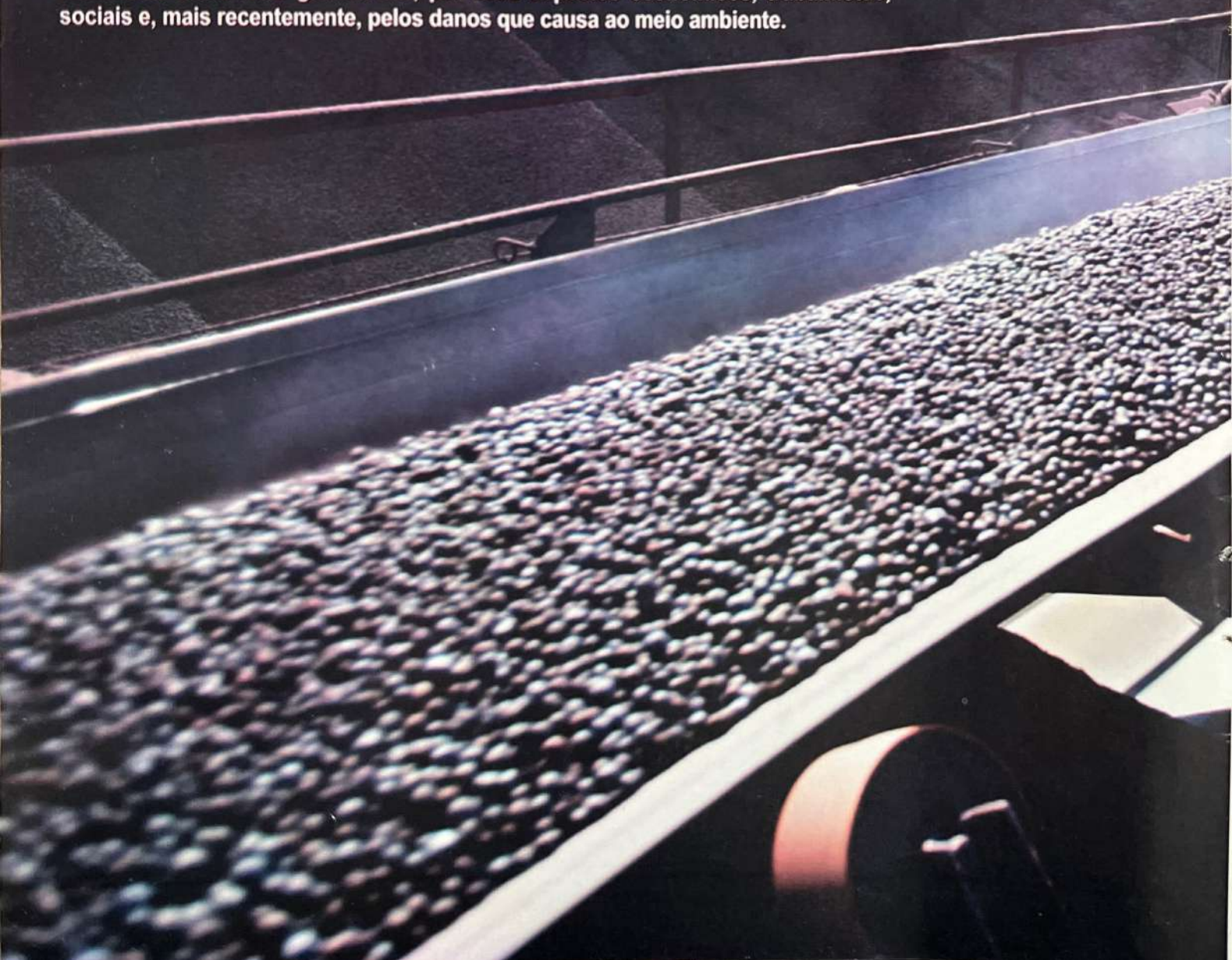
(33) 3322.3939

Concessionária
Leucotron
TELECOM

REPORTAGEM ESPECIAL

MEU BEM, MEU MAL

A mineração sempre recebeu amor e ódio. Essencial no mundo, é ao mesmo tempo conhecida como uma grande vilã, por seus aspectos econômicos, trabalhistas, sociais e, mais recentemente, pelos danos que causa ao meio ambiente.





Basta pensar para perceber que a mineração, especialmente de ferro, fornece a matéria-prima para fazer funcionar quase todos os ícones da vida moderna como aviões, carros ou eletrodomésticos.

Em Minas Gerais, 250 dos seus 853 municípios possuem minas ativas. No Espírito Santo, quatro dos cinco complexos portuários do estado são voltados para a exportação de produtos minerais. Metade do saldo da balança comercial brasileira é resultado das exportações da indústria da mineração e transformação mineral.

Ao descarregar preconceitos contra a mineração, enganam-se aqueles que chamam de limpas as indústrias de computadores ou aparelhos de celular. Na ponta inicial do processo inevitavelmente esses produtos são fruto da mineração, pois contêm metais como ferro, zinco ou cobre. No mínimo, cada produto encontrado no mercado utilizou o aço (oriundo do minério de ferro) em alguma fase da sua produção, nem que seja em máquinas e ferramentas. Somos e sempre fomos todos, portanto, co-responsáveis pelos problemas ambientais causados pela mineração.

É claro que o objetivo de quem explora ou consome os produtos derivados do minério não é destruir o meio ambiente, mas a equação é inevitável. O mundo quer consumir cada vez mais, com isto aumenta a demanda por extrações minerais, mesmo com índices de reciclagem maiores. Ação e reação

Por ser uma das principais regiões mineradoras do país, a bacia do rio Doce está no olho deste furacão.

Então, o que fazer para equilibrar o crescimento da atividade e os impactos ambientais? Qual o limite do crescimento? Qual o papel de cada um – governo, sociedade, setor produtivo no planejamento do futuro?

■ RIQUEZA TIPO EXPORTAÇÃO

Segundo o Departamento Nacional de Produção Mineral do Governo Federal, em 2007 a produção mineral brasileira gerou R\$ 46 bilhões. Um aumento de 21% comparado ao ano 2006 (R\$ 38 bilhões), com destaque para a produção de minério de ferro.

Recentemente as mineradoras conquistaram reajustes extremamente expressivos nos preços do minério de ferro no mercado externo, chegando a 97% nos contratos de fornecimento do produto para a Ásia.

Além de divisas em dólares, o setor de mineração gera também empregos. De acordo com dados do último estudo do Ministério do Trabalho e Emprego no setor, em 2006 o total de mão-de-obra empregada diretamente na mineração era de 131 mil trabalhadores. Já os dados do Serviço Geológico Brasileiro mostram que o efeito multiplicador de empregos na ativi-

dade é de um para treze: para cada posto de trabalho aberto, outras treze vagas ao longo da cadeia produtiva são criadas. Fazendo os cálculos, em 2006 1,7 milhão de empregos dependiam da mineração, sem considerar os postos de trabalho nas fases de

pesquisa, prospecção, planejamento e a mão-de-obra proveniente de garimpos.

O gráfico abaixo mostra o volume de investimentos no setor minero-siderúrgico até 2011, em bilhões de dólares.



Números da minero-siderurgia

MINAS GERAIS:

- O estado é responsável por aproximadamente 53% da produção brasileira de minerais metálicos e 29% de minérios em geral;
- Os produtos minerais e de origem mineral representam 50% de todas as exportações do estado;
- Minas Gerais é o maior produtor de ferro, ouro, zinco, nióbio, fosfato, grafita, lítio e calcário. Produz 75% do nióbio do mundo;
- Das 100 maiores minas do Brasil, 40 estão localizadas no estado;
- Dos dez maiores municípios mineradores brasileiros, sete estão em Minas, sendo Itabira o maior do País.

ESPÍRITO SANTO:

- O porto de Ubu, em Anchieta, pode movimentar 20 milhões de toneladas de pelotas de minério de ferro por ano;
- A Samarco está construindo sua terceira usina de pelletização em Anchieta;
- O complexo de Tubarão, em Vitória, é composto por uma siderúrgica, a CST - Companhia Siderúrgica de Tubarão (pertencente à Arcelor Mittal); oito pelletizadoras e o complexo portuário, Tubarão e Praia Mole;
- Até 2011 entra em operação em Anchieta a Baosteel CSV - Companhia Siderúrgica de Vitória, uma parceria entre a chinesa Baosteel e a Vale, onde serão produzidas 5 milhões de toneladas de placas de aço por ano.

No setor minero-siderúrgico, a tendência mundial é de verticalização. Ou seja, as empresas buscam aumento de eficiência operacional e redução de custos através da atuação nas diversas fases do processo produtivo: mineração, transporte e beneficiamento. Não é diferente na bacia do rio Doce. Ela abrange boa parte do chamado Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais – principal região produtora do estado, que concentra 71% da produção nacional. Atuam na bacia grandes empresas como a Samarco Mineração, MMX Mineração & Metálicos, Usiminas e Vale na extração, beneficiamento e exportação do minério. A saída dos produtos para o mercado externo se dá em sua maior parte através do Espírito Santo, pelos portos de Tubarão, Vitória e Ubu.

A Samarco mantém unidades em Ouro Preto e Mariana – MG, na bacia do Doce, e na cidade de Anchieta, no sul do Espírito Santo, porto de saída do minério, aonde chega através de um mineroduto. O sistema, composto de tubos com água, transporta o minério de ferro por uma distância de 396 quilômetros atravessando 25 municípios entre os dois estados da bacia do Doce. Está em funcionamento há 30 anos. Um novo mineroduto, com 398 km de extensão, está sendo construído como parte dos investimentos da empresa no valor aproximado de R\$ 3,1 bilhões, que incluíram também a recém-inaugurada terceira usina de pelotização na unidade de Ponta Ubu-ES e a construção de uma nova concentradora de minério de ferro, em Germano-MG.

A MMX Mineração & Metálicos, com atuação no Mato Grosso do Sul e no Amapá, implantou o Sistema MMX Minas-Rio, com unidade em Conceição do Mato Dentro-MG, já vendida para a empresa britânica Anglo American. O empreendimento ainda está em fase final de análise das sondagens das minas já adquiridas, detalhamento dos projetos logísticos e de estudos ambientais. Este projeto também prevê transporte através de mineroduto e



expedição através de navios no porto Açú, em São João da Barra, próximo à foz do rio Paraíba do Sul, no Rio de Janeiro.

A maior das mineradoras não deixou de acompanhar o crescimento do setor. A Vale – Companhia Vale do Rio Doce – vem ampliando suas minas em atividade e abrindo novos pontos de exploração, dentre eles a mina de Brucutu em Minas Gerais, com capacidade de exploração de 30 milhões de toneladas de minério. O escoamento do minério produzido pela Vale é feito através da Ferrovia Vitória a Minas por onde o produto alcança os portos do Espírito Santo.

Por sua vez, a Usiminas, siderúrgi-

ca instalada em Ipatinga, no centro da bacia do Doce, adquiriu quatro minas de ferro na região de Serra Azul-MG e vai ampliar sua produção das atuais 5 milhões de toneladas para 29 milhões de toneladas anuais até 2013. A porta de saída será pela baía de Sepetiba no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, a empresa anunciou a construção de uma terceira usina siderúrgica na bacia, com capacidade de 5 milhões de toneladas de aço por ano. Até 2012 os investimentos da empresa estão orçados em 14,1 bilhões de dólares na ampliação da capacidade de produção de aço, mineração, modernização das usinas, redução de custos e preservação ambiental.

PROTESTO INDÍGENA

A reserva indígena dos Pataxó fica próxima ao local onde está sendo instalada a mina da MMX, em Conceição do Mato Dentro. Sentindo-se prejudicados, os índios fizeram um protesto amplamente divulgado pela imprensa. Segundo nota divulgada pela empresa na ocasião, a MMX informou que não considerou pertinentes as reivindicações apresentadas pelos pataxó, gerando o conflito.

De lá para cá nada mais foi noticiado pela imprensa ou pela mineradora. Procurados pela reportagem da REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE, os pataxó preferiram não emitir qualquer declaração sobre sua própria versão ou informações sobre os desdobramentos do caso.

■ MINERAÇÃO E MEIO AMBIENTE

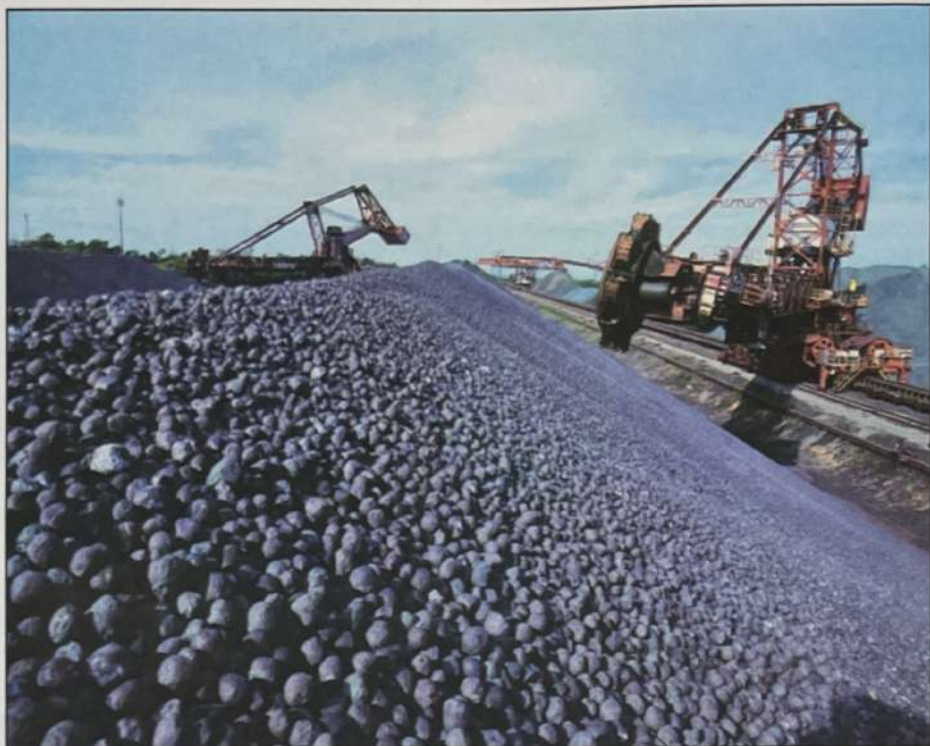
Uma convivência negociada

O desenvolvimento da atividade é notório. Economistas chegam a usar uma referência histórica para exemplificar o "boom" neste mercado, dizendo que o minério de ferro é a nova corrida do ouro em Minas Gerais. Mas depois que o minério é explorado, beneficiado, transportado, exportado e transformado em dinheiro, o que acontece com o meio de onde o recurso foi extraído?

Entre os principais impactos provocados pela mineração podem ser citados a eliminação da vegetação na área de influência da mina, alteração do uso da água, desvio de cursos d'água, riscos de contaminação dos lençóis freáticos, intervenção no ecossistema, mudanças na fauna e flora locais, erosão e alteração da paisagem.

A fim de coibir ou regularizar a exploração mineral, no que se refere à questão ambiental, a Constituição Federal trata especificamente da atividade minerativa e atribui ao explorador responsabilidade no que se refere ao meio ambiente. De acordo com seu artigo 225, "todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações". O parágrafo 2º do mesmo artigo deixa claro que "aquele que explorar recursos minerais fica obrigado a recuperar o meio ambiente degradado, de acordo com solução técnica exigida pelo órgão público competente, na forma da lei".

Apesar das exigências legais e da existência de órgãos fiscalizadores específicos para o setor, como qualquer outra atividade econômica, ainda existem minas funcionando sem licenciamento adequado na bacia do Doce, principalmente na exploração de rochas ornamentais na porção espírito-santense. Segundo levantamen-



to realizado pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente do Espírito Santo, a demora para emissão das licenças de exploração de minérios – que é de responsabilidade do Departamento Nacional de Produção Mineral – é um dos grandes problemas enfrentados pelo estado justamente por causa da clandestinidade. Segundo a secretária Maria da Glória Abaurre, "atualmente existem 558 pedidos de licença à espera de análise. Cerca de 200 desses processos estão com o prazo limite para avaliação ultrapassado. Ou seja, o número de pedidos cresce na mesma medida em que o setor avança e as explorações clandestinas também".

Mas os problemas vão além da clandestinidade. A mineração a céu aberto traz problemas de partículas em suspensão na atmosfera e consequente desconforto para a vizinhança; no caso de regiões habitadas em áreas de carregamento, descarregamento e transporte do produto em forma de pó. A poeira produzida pelo minério de ferro durante o transporte até os

portos de Turabão, Ubu e Vitória, por exemplo, incomodava muito os moradores das imediações, especialmente os de Tubarão. A Secretaria de Meio Ambiente do estado implantou mecanismos de controle específico para a poeira, como a cobertura das montanhas de minério que ficam à espera de transporte nos portos e a aspersão de um líquido que inibe a formação da poeira. Agora os moradores não estão sendo tão afetados. Os efluentes líquidos produzidos durante o transporte, como a água da chuva poluída pelo minério, já são canalizados para disposição adequada e não mais direcionados para o mar.

Todas as grandes empresas do setor promovem iniciativas de forma a diminuir ou atenuar os impactos ambientais profundos causados pela atividade minerativa. No caso da MMX, em Conceição do Mato Dentro, por exemplo, para que o processo de exploração do minério cause impactos controlados já estão em fase de implantação o Plano de Gerenciamento

de Recursos Hídricos e os programas de apoio ao turismo, à saúde pública e à infra-estrutura municipal.

Problemas em relação à disposição adequada de resíduos, à segurança de barragens, à proteção de solo e águas e ao suprimento de carvão vegetal para os seus fornos, se não solucionados de forma correta podem agredir tanto o meio ambiente quanto o homem. A Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais procura trabalhar em conjunto através de seus órgãos setoriais: Igam – Instituto Mineiro de Gestão das Águas –, Feam – Fundação Estadual do Meio Ambiente e IEF – Instituto Estadual de Floresta. “Aliando fiscalização com orientação permanente estamos transformando nosso estado num exemplo de como a mineração pode alavancar o progresso e ser parceira em empreendimentos ambientais de ampla importância social, como é o caso dos trabalhos de Educação Ambiental desenvolvidos pelas grandes empresas do setor”, acredita o secretário José Carlos Carvalho.

O Governo do Espírito Santo acredita que a aproximação que vem sendo estabelecida com os setores

produtivos cria uma linha de diálogo valiosa tanto para o governo quanto para os empresários. “A conscientização é a nossa arma. Estamos fazendo com que as empresas entendam que o mercado externo não quer mais produtos que, em seu processo produtivo, tenham prejudicado o meio ambiente. Por isso, estamos crescendo juntos, criando círculos de diálogos e discussões normativas”, concluiu Glória Abaurre.

Mas as representações da sociedade civil nem sempre têm a mesma visão otimista. Para o engenheiro civil e sanitarista Mauro da Costa Val a parcialidade política no licenciamento ambiental, bem como a baixa consistência técnica e a ausência de integração com outros instrumentos de gestão, levam à transferência do custo de controle da poluição das águas dos empreendedores para a sociedade. “Tal cenário representa a antítese de uma gestão ambiental integrada, com visão sistêmica, conseqüente e responsável socialmente perante as gerações atuais e futuras”, completa Mauro, que é membro titular do Copam – Conselho de Política Ambiental – e do CERH/MG – Conselho Estadual de Recursos Hídricos.



ELABORAÇÃO DO PLANO DE BACIA

Momento de participação da sociedade

“O plano de bacia tem que considerar tudo que está acontecendo e que reflexos vai trazer nos próximos anos com relação à disponibilidade versus demanda de água e ao que vai impactar do ponto de vista do aumento de consumo e de poluição. A avaliação é feita trabalhando com a questão regional, setorial e por bacia de rio afluente.

Devem-se estabelecer quais as medidas a serem propostas para discussão nos nove comitês da bacia do Doce. Junto com a sociedade, definir as medidas que têm de ser estabelecidas para minimizar esses impactos e ordenar os acontecimentos. Inclusive vamos estabelecer em cada bacia os padrões de qualidade e volume de água que tem de existir no encontro do afluente com o rio Doce. Depois, estabelecer um acordo entre os nove comitês e o comitê do Doce com relação a isso tudo, de uma forma integrada.”

Paulo Maciel

Diretor da Lume Estratégia Ambiental, uma das empresas do consórcio que coordenará o PIRH-Doce - Plano Integrado de Recursos Hídricos da Bacia do Rio Doce

QUER SABER MAIS?

www.almg.gov.br
www.vale.com
www.samarco.com.br
www.mmx.com.br
www.ibram.org.br
www.semاد.mg.gov.br
www.iema.es.gov.br
www.fiemg.com.br

LIMITES DA BIOSFERA

II Fórum Regional de Mudanças Climáticas



Afirmando-se como um instrumento prático de intercâmbio de experiências entre acadêmicos, gestores ambientais e ecologistas, o Fórum Regional de Mudanças Climáticas do Vale do Aço chega à sua segunda edição com expectativa de superar o sucesso alcançado em 2007. O evento acontece nos dias 5 e 6 de setembro no auditório do CDP Usiminas em Ipatinga-MG, com o tema principal: "aquecimento global e os limites da biosfera".

O Fórum de Mudanças Climáticas conta como parceiro o Projeto Águas do Rio Doce e é promovido pelo Instituto Eco-Futurismo, organização privada formada em 2005 por profissionais das áreas de Engenharia Ambiental, Turismo, Ciências Biológicas e Marketing, com sede no município de Ipatinga. A mesma parceria realizou em Linhares no dia 3 de abril de 2008, durante o 4º Fórum das Águas, a I Conferência da Bacia do Rio Doce sobre Mudanças Climáticas, que reuniu nomes importantes do setor ambiental para discutir a realidade climática do Doce em seu contexto no Brasil e no mundo. Sob o tema central "aquecimento global e os novos desafios para o desenvolvimento sustentável", a conferência lotou um auditório de 250 lugares.

De acordo com o turismólogo e coordenador do Instituto Eco-Futurismo, Eddy Willian Melo, a intenção é que o evento traga discussões tão densas e produtivas quanto as realizadas durante o Fórum das Águas. "Queremos que as questões climáticas não sejam lembradas apenas quando

a sociedade se referir aos desastres ambientais. Temas como o aquecimento global e a biosfera devem ser discutidos, pensados e avaliados todos os dias. Para fortalecer essa mobilização e conscientização, a parceria com o Projeto Águas do Rio Doce tem sido fundamental", conclui.

O II Fórum Regional de Mudanças Climáticas tem o intuito de alertar o público sobre os possíveis impactos das mudanças climáticas na saúde humana, economia e biodiversidade, bem como apontar soluções para mitigação e adaptação aos efeitos adversos do aquecimento global. Uma maneira de informar os participantes sobre as novas tecnologias limpas, fontes de energia alternativas e renováveis, créditos de carbono, conservação das florestas tropicais e uso sustentável dos recursos naturais.

O evento tem como palestrantes o senador Renato Casagrande, membro da Comissão Mista de Mudanças Climáticas do Congresso Nacional; José Aroudo Mota, coordenador de Meio Ambiente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea; Rui Bran dos Reis, meteorologista do MG Tempo/PUC Minas; Jeanicolau Simone Lacerda, engenheiro florestal do Instituto Totum e consultor ambiental da Fundação SOS Mata Atlântica; e Virgílio Medeiros, da Superintendência de Alternativas Energéticas da Cemig.

A programação técnico-científica completa conta com palestras e debates, e está disponível no site do Instituto Eco-Futurismo.

 **INSTITUTO
ECO-FUTURISMO**
Interação + Sustentabilidade

Informações:

Fones: (31) 9126-8894 | (33) 8413-4096
(31) 3825-2417 | (31) 8711-2410
E-mail: informacao@ecofuturismo.com.br
Site: www.ecofuturismo.com.br



Preservar é um esforço coletivo

Renato Casagrande*

O tema das mudanças climáticas é, ao lado da inclusão das massas populacionais economicamente marginalizadas, um dos grandes temas da humanidade para o século XXI. Já estamos sentindo o resultado das transformações ambientais no nosso clima. A intensidade dos eventos climáticos tenderá a ser cada vez maior, produzindo danos que serão sentidos com mais gravidade pelas populações economicamente vulneráveis, pois são elas que têm menos recursos para se protegerem dos efeitos lesivos de secas, enchentes, picos de temperaturas, etc.

Talvez o principal problema brasileiro no campo das mudanças climáticas seja o controle do desmatamento, nossa fonte mais importante de emissão de gases de efeito estufa. Hoje, 75% das emissões do Brasil são resultado do desmatamento. Com uma cobertura florestal de aproximadamente metade do território nacional, devemos concentrar nossos esforços no sentido de fiscalizar e coibir atividades ilícitas desse tipo.

Entre 1990 e 2006, o abate anual da floresta estava elevado. Em 2005, porém, a área desmatada foi de 18,8 mil quilômetros quadrados, o que representa uma queda de mais de 30% em relação ao ano anterior. Em 2006 foi registrada uma queda ainda mais relevante no desmatamento da Amazônia (13,1 mil quilômetros quadrados).

Ocorre que, como sabido, nosso país é de dimensão continental e a fiscalização é muito complexa. O governo tem feito muitos esforços nesse sentido, estabelecendo a fiscalização ambiental como uma de suas prioridades. Ainda estamos longe do ideal, e certamente o problema do desmatamento não será solucionado somente com operações pontuais de combate, mas com uma política macro que envolva toda a sociedade.

O Brasil é um dos países que mais emitem gases do efeito estufa, com índices comparáveis aos de nações do primeiro mundo, como Alemanha e Japão. Por

ser um país em desenvolvimento, porém, está isento das metas compulsórias para reduzir suas emissões dentro do Protocolo de Kyoto. Mas a pressão é forte para que o País assuma compromissos mais significativos - especialmente agora, com a abertura das negociações para um novo acordo climático pós-Kyoto.

É cada vez mais visível a importância de se buscar alternativas energéticas mais viáveis; tanto socioeconômica, como ambientalmente. A geração de energia por meio dos biocombustíveis não é a solução para o problema da eficiência energética, mas sem dúvida trata-se de um enorme avanço no tema das estratégias de prevenção ao aquecimento global.

O Espírito Santo tem grande potencialidade agrícola, incluída também a produção de biocombustíveis. O interesse pelo plantio das oleaginosas aparecerá naturalmente quando a vantagem comparativa deste tipo de cultura se apresentar em relação às demais culturas. Temos de adotar um modelo de desenvolvimento capaz de unir crescimento econômico e preservação das nossas riquezas naturais, com relevo para a biodiversidade e os recursos hídricos.

Todos precisam se conscientizar de que preservar este bem indispensável à vida não é tarefa só dos governos, mas da sociedade como um todo. Nesse sentido, reputo da maior importância a realização da I Conferência sobre Mudanças Climáticas da Bacia do Rio Doce, ocorrida durante o 4º Fórum das Águas do Rio Doce.

Finita, a água pressupõe sua utilização de forma sustentável, a fim de que não se esgote. A preservação das matas ciliares, a preservação da permeabilidade do solo à água das chuvas, tratamento de esgotos domésticos e industriais, enfim, a gestão sustentável das bacias hidrográficas de forma sistêmica e integrada, é atividade sumamente importante para que, no futuro, tenhamos preservada a integridade de nossos recursos hídricos.

*Renato Casagrande é engenheiro florestal e advogado. Foi deputado estadual, vice-governador do Espírito Santo e deputado federal. É senador da República desde 2006 e relator da Comissão Mista Especial de Mudanças Climáticas do Congresso Nacional

Conforto e hospitalidade



Metropolitano hotel

Av. Sanitária, 644 - Bom Jesus - Coronel Fabriciano - MG
CEP: 35170 023 - Telefax: (31) 3842 2005

www.hotelmetropolitano.com.br

Academia - Salão de convenções
Internet banda larga - serviço de bufet completo
Reconhecido pela revista 4 Rodas

Salão de Festas e Convenções climatizado, para até 400 pessoas



RESTAURANTE ABERTO AO PÚBLICO DIARIAMENTE





**MÍRIAM
LEITÃO**

Eu sou
do Doce

Intellectual inquieta

Uma das jornalistas econômicas mais expressivas do país, com uma carreira consolidada e reconhecimento nacional por sua competência e influência na área em que atua, Míriam Azevedo de Almeida Leitão é a ilustre homenageada desta editoria "Eu sou do Doce". E como ela é! Míriam é exemplo para seus contemporâneos e símbolo de sucesso. Tratada como ídolo, ela é quase a garota propaganda de Caratinga, sua cidade natal; uma referência bem humorada, claro, a uma pessoa de tanto prestígio.

Quando fala de sua infância, Míriam sempre recorda um traço pessoal determinante para sua formação intelectual: a paixão pela leitura, hábito que considera mágico e sempre manteve como prazer. Aos 11 anos já havia lido a coleção inteira de Machado de Assis e José de Alencar, presentes de sua tia Ilda. Aos 14 anos ela atingiu a incrível marca de 250 livros lidos em um ano. Aos 15, lia três jornais por dia.

Aos 18 anos Míriam deu seu primeiro passo como jornalista. Depois de se mudar para Vitória-ES para estudar, conseguiu um emprego como estagiária no jornal A Tribuna, e afirma que trabalhou muito para chegar onde está. Formou-se em comunicação social pela Universidade de Brasília. Hoje, a jornalista é colunista econômica do jornal O Globo, comentarista da CBN e do jornal matinal da Rede Globo, Bom Dia Brasil. Seu histórico profissional registra ainda brilhantes passagens em outros veículos de comunicação do Brasil. Dentre eles, a de editora assistente da revista Veja, repórter e apresentadora da Abril Vídeo e, por seis anos, contratada da Gazeta Mercantil, onde atuou na cobertura de assuntos climáticos e de comércio exterior.

Aos dezenove anos, grávida de seu primeiro filho, foi presa e torturada

pela ditadura militar, um dos piores momentos de sua vida. Foi libertada com 39 quilos e anemia profunda, no quarto mês de gestação. Depois da experiência Míriam se tornou uma democrata convicta, ao mesmo tempo sempre com grande senso crítico em relação ao sistema.

Míriam se define como uma pessoa intelectualmente inquieta e defende incansavelmente a bandeira da educação. Acredita que investimentos na área podem garantir o futuro do país e que este é um caminho viável e seguro para resolver muitos problemas nacionais. Se referindo a Caratinga, a jornalista afirma que o município precisa pensar em dois pontos fundamentais: a educação, que considera uma vocação latente da cidade, e o meio ambiente. Na área ambiental, ela lembra que Caratinga guarda uma riqueza mundial: a RPPN Feliciano Miguel Abdala, um dos últimos refúgios naturais dos moncarvoeiros ou muriquis, maiores primatas da América. Em recente entrevista, disse que "investir em meio ambiente é ter garantia de futuro".

Temos orgulho de saber que Míriam Leitão é filha desta bacia.



GranExpoES 2008

Fazenda Ecológica é destaque na 32ª Exposição Estadual Agropecuária do Espírito Santo

O maior evento do agronegócio capixaba acontece entre os dias 19 e 24 de agosto, no Centro de Eventos Floriano Varejão, município de Serra - região metropolitana de Vitória-ES. A presença de representantes de mais da metade dos municípios do estado garante variedade de atrações, mostras de produtos e serviços.

Em sua 32ª edição a GranExpoES 2008 consolida-se como uma das melhores vitrines do agronegócio da região centro leste do país. A expectativa dos organizadores é superar os números da última edição, quando estiveram presentes em torno de cem mil visitantes e fechados negócios no valor de R\$ 20 milhões.

Este ano dois mil e quinhentos animais serão expostos. Leilões de diversas raças de bovinos, equinos, ovinos e caprinos selecionados acontecem diariamente. A programação inclui, ainda, o Fórum Estadual dos Secretários Municipais de Agricultura do Espírito Santo, palestras, mostras de pequenos animais, feira de agronegócio e equipamentos, provas equestres, visitação escolar, atrações artístico-culturais e shows musicais.

Fazenda Ecológica

A grande novidade da GranExpoES 2008 é a Fazenda Ecológica, que inclui várias atividades de educação ambiental: exposição da maquete da bacia hidrográfica do rio Doce com ênfase nas áreas agropecuárias do Espírito Santo; oficinas educativas para o público infantil; três rodadas de bate-papo com temas interligando água e agropecuária, chamados Café com Prosa; apresentação da Trilha dos Animais, corredor reproduzindo o ambiente de floresta, onde serão apresentadas esculturas em fibra de vidro de animais da bacia do Doce; e um espaço de valorização da cultura rural, meio ambiente e sustentabilidade, chamado Cozinha Ecológica.

Abordando como temáticas a preservação ambiental, pagamento por serviços ambientais, saneamento rural, destinação de resíduos sólidos, além de proteção do solo, da biodiversidade, dos topos de morro e das matas ciliares, a Fazenda Ecológica pretende atrair e sensibilizar agropecuaristas, estudantes e visitantes em geral para a importância da conscientização ambiental para a produção sustentável. A iniciativa é resultado de uma parceria entre a Extrema Eventos e Participações, coordenadora

da GranExpoES, o Pard - Projeto Águas do Rio Doce - e instituições do terceiro setor, como as ONGs Alma do Rio, Aderc, Bio Lago e Eco-Futurismo.

O objetivo é contribuir para que sejam aplicados na prática os conceitos de sustentabilidade nas propriedades rurais. "Por ser um dos maiores eventos do agronegócio brasileiro, a GranExpoES 2008 mostra-se como a oportunidade ideal para atingir este objetivo", diz empolgado Pedro Paulo Martins, um dos três coordenadores do Pard. "Trata-se de um grande desafio para o Projeto Águas do Rio Doce e a Extrema Eventos, colocar ambientalistas e produtores do agronegócio a discutir soluções para as duas grandes demandas da sociedade atual: desenvolvimento e proteção do meio ambiente", explica Edmilson Teixeira, outro integrante da coordenação do Projeto.

Zaira Andrade, também coordenadora, insiste que "abranger a educação ambiental para os atores do agronegócio é imprescindível para conquistar a sustentabilidade ambiental, pois o modelo de exploração predatória da terra muitas vezes parece a única saída para o agropecuarista encurralado pela competitividade e exigência do mercado". "O momento é ideal", completa Zezinho Boechat, da Extrema Eventos, "o setor do agronegócio dá sinais claros de interesse em assumir uma postura condizente com a realidade da situação ambiental e mais do que nunca a sociedade espera mudanças de atitude".



Confira as atividades da Fazenda Ecológica

Após passar pela Trilha dos Animais e as Oficinas Educativas, os alunos visitantes da Fazenda Ecológica terão a oportunidade de conhecer a maquete da bacia hidrográfica do rio Doce. A representação mostra características geográficas, históricas, culturais e econômicas dessa que é a região responsável pelo maior manancial de água doce do Espírito Santo. Além da bacia do Doce, a maquete tem ainda um anexo que mostra o estado do Espírito Santo, dando ênfase à questão agropecuária; além de reproduzir com trenzinhos em movimento a Estrada de Ferro Vitória a Minas e as principais cidades da região.

A Cozinha Ecológica mostra um fogão que utiliza biogás produzido a partir das fezes dos animais, apresenta a importância da utilização de energia solar para o aquecimento de água, do uso de materiais naturais e madeira renovável nas construções e móveis, da cobertura florestal em topos de morros e margens de cursos d'água, além da necessidade dos corredores ecológicos para a preservação da biodiversidade.

As visitas à Fazenda Ecológica acontecem através de inscrições prévias das escolas, dentro da capacidade de lotação da estrutura, em horários programados de acordo com as demais atividades do



evento, forma já utilizada nas quatro edições do Fórum das Águas do Rio Doce.

No auditório da GranExpoES 2008 acontece o Café com Prosa, mesas redondas temáticas realizadas com a participação de técnicos governamentais e lideranças rurais de todo o estado. Entre os principais temas apresentados para debate estão os corredores ecológicos, o Fundo de Recursos Hídricos do Espírito Santo, o Programa Produtor de Água e outros pagamentos por serviços ambientais.



PROMOÇÃO



REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



BANCOS PARTICIPANTES

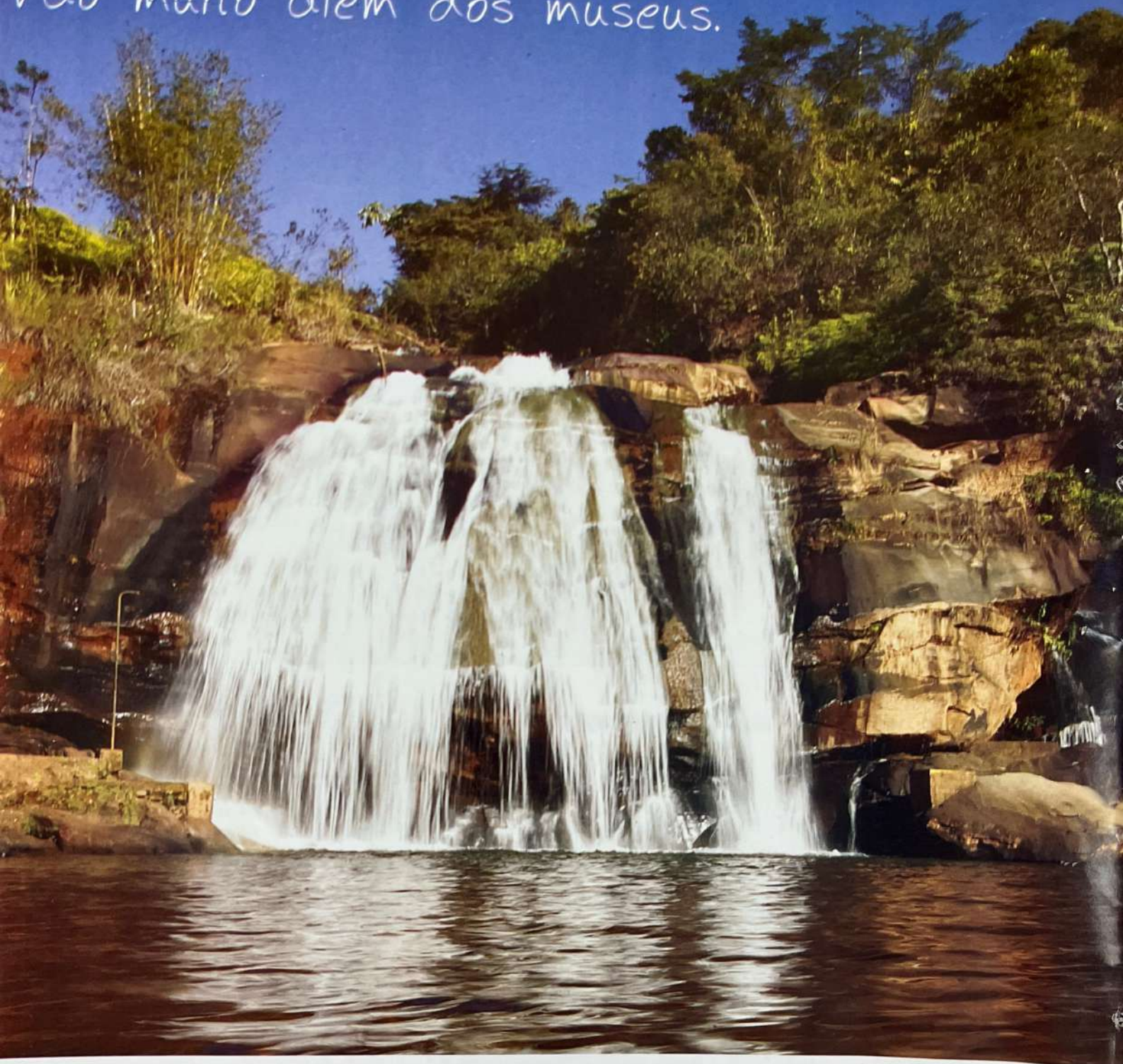


APOIO



www.granexpoes.com.br

As riquezas de Mariana
vão muito além dos museus.



Mariana, conhecida por sua história e pelo belo patrimônio histórico, também faz questão de preservar as suas riquezas naturais: matas, montanhas, rios, cachoeiras, que cercam a cidade de um verde majestoso. E para que Mariana se desenvolva em harmonia com o meio ambiente, a Prefeitura implantou o Plano Diretor Urbano Ambiental e concretiza vários projetos. Entre eles, a implantação da Agenda 21 Local, a Estância Ecológica do Cruzeiro, área de preservação ambiental permanente, a construção do aterro sanitário, o tratamento de água sob responsabilidade do SAAE, o novo abatedouro, o Centro de Aproveitamento de Materiais Recicláveis - CAMAR - que é uma cooperativa de antigos catadores que coleta papéis, plásticos e metais e os encaminha para a reciclagem. E o Centro Marianense de Educação Ambiental - CEAME - que fortalece a importância da consciência ecológica e da preservação do meio ambiente.

PREFEITURA
de Mariana 
A força de um novo tempo

www.mariana.mg.gov.br

Ouvidoria: 0800 2830238

Construção de Identidades

Ao se formar e se atuar nos comitês de bacias hidrográficas, é necessário não confundir essa dimensão geográfica da realidade com conceitos de região e território. A bacia hidrográfica é um termo técnico para designar a área (extensão do terreno, medida da superfície, conjunto de terras) drenada por um rio principal, seus afluentes e subafluentes; logo é a designação para uma determinada área geográfica. Se refere a termos como nascentes, divisores de águas e cursos d'água, natureza dos cursos (principais e secundários), afluentes e subafluentes, etc. Isso caracteriza uma hierarquia de volume de água e uma determinada ordem estabelecida pelo relevo e vertentes, direcionado das terras altas para as baixas. Nesse aspecto é apenas um espaço sem significado em si mesmo. Seu valor aparece somente pela apropriação, organização e utilização feita por atores sociais. Como espaço suas propriedades são de natureza apenas formal: posição, distância, movimento, forma, direção e diversidade de direção, etc. Essas categorias não constituem por si mesmas um território ou região, já que não configuram a estrutura social concreta, com seu grau e modalidade de desenvolvimento das forças produtivas, seu sistema político, etc. São os processos sociais que dão sentido e alcance a um determinado espaço, o configuram como território e, conforme determinadas condições, como região.

O território é um conceito que se relaciona à construção social e, obrigatoriamente, abarca o conceito de poder e relações de forças sociais e políticas. Referir-se ao território é sempre responder as perguntas sobre quem controla os acessos, regula as relações, determina a utilização e utiliza, bem como sobre as relações que se estabelecem para dentro e para fora do espaço determinado, apropriado e delimitado. O território refere-se sempre ao espaço vivido, às relações que ocorrem nele, ao jogo de poder, conflitos e consensos que estabelece, logo é

o ambiente de vida, ação e pensamento de uma comunidade multidimensional, associado aos processos de construção de identidade e subjetividade de indivíduos e coletividade. Dentro da área de uma bacia hidrográfica estão vários territórios, justapostos, sobrepostos, imbricados, alternados ou antagônicos, pois a diversidade de processos sociais, elementos naturais (água, relevo, biodiversidade), modos de produção e cultura produziram a diversidade territorial. Os territórios são tantos quantas são as territorialidades, e refletem a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade.

“Tratar a bacia como região é querer uma homogeneidade que não existe, e submetê-la aos donos do poder. Tratar como território é reconhecer os conflitos e a necessidade de negociar e buscar consensos.”

O conceito de região é bastante diferente do de território, pois busca fazer desaparecer exatamente a diversidade produzida pela multidimensionalidade do vivido territorial. Tecnicamente o termo região pode referir-se apenas ao processo de regionalizar, ao recorte espacial que é possível estabelecer usando critérios objetivos do interesse do pesquisador. Mas a busca de critérios objetivos de identificação da região não elimina o fato de que região também é produto de “representações mentais”, isto é, percepção, julgamentos, opiniões, conhecimento e reconhecimento ligados a atores sociais que investiram seus interesses e pressupostos. Essas representações aparecem

nos monumentos, emblemas, bandeiras, etc. Referem-se ao poder simbólico e à capacidade de manipulação por parte de atores estrategicamente interessados em determinar a representação mental dos outros membros da sociedade. Logo, a identidade regional é uma forma particular de luta pelo poder de impor determinada classificação: essa é a região X, portanto não é Y nem W. Esse poder simbólico firma-se na incorporação pelos de dentro de uma suposta especificidade e no reconhecimento dos de fora de que a região X é distinta.

Se a bacia do Doce é tratada como território, sobressai a diversidade cultural com: múltiplas práticas sociais; modos de viver e organizar; sistemas simbólicos e de valor; conhecimento, competências, técnicas e experiência; impactos socioambientais; expressões artísticas. Isso produz diferenciações entre grupos e classes sociais, e da diversidade emergem os vários territórios, construídos por relações sociais tensas, contraditórias, opressoras e conflituosas. Tratar a bacia como região é querer uma homogeneidade que não existe, e portanto é submetê-la aos donos do poder, na medida em que a convertem em “sujeito” que supostamente teria vontade, interesse, problemas, etc. Isso somente os seres humanos individualmente ou organizados possuem. Tratar como território é reconhecer os conflitos e a necessidade de negociar e buscar consensos, em que todos devem ganhar. Isso exige reconhecer a diversidade territorial (econômica, social, política, cultural e natural) e, ao mesmo tempo, construir o ambiente que favoreça o sentimento de pertencimento: identidades formadas com base nas raízes histórico-culturais, ambientais, políticas e identidades simbólicas e subjetivas.



Prof. Dr. Haruf Salmen Espindola é coordenador do Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território do Núcleo de Estudos Históricos e Territoriais - Universidade Vale do Rio Doce



QUEM FAZ PELO MEIO AMBIENTE,
TAMBÉM TÁ FEITO NA VIDA.

Preservar o meio ambiente é um dever de todos.
É garantir as necessidades do presente sem
comprometer o futuro das próximas gerações.
Faça a sua parte e fique feito na vida.



UNIPAC
Vale do Aço
UNIVERSIDADE CLASSE A

Quem faz Unipac, tá feito na vida.

CURSOS

GRADUAÇÃO

- Administração/Comércio Exterior
- Biomedicina
- Ciências Contábeis
- Ciência da Computação

- Educação Física
- Enfermagem
- Engenharia Ambiental
- Engenharia Civil
- Engenharia de Produção

- Engenharia Química
- Farmácia
- Fonoaudiologia
- Letras
- Psicologia

- Serviço Social
- Sistemas de Informação
- Terapia Ocupacional
- Turismo

GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA

- Processos Gerenciais
- Gestão de Recursos Humanos

FINANCIAMOS
SEUS ESTUDOS



UNIPAC
Vale do Aço
UNIVERSIDADE CLASSE A



0800 724 2300 www.unipacvaledoaço.com.br

História de vida em terras brasileiras

A crise fundiária vivida pela Itália na segunda metade do século XIX, as transformações socioeconômicas na península itálica e a unificação do país em 1871 fizeram com que milhares de italianos dessem início ao processo de migração para a América em busca do "Novo Mundo". Alimentados pelo sonho de encontrar terras e paz, 1.243.633 deles embarcaram para o Brasil, em grande número partindo de Vêneto, região ao norte da Itália. Fixaram-se principalmente em São Paulo, além de estados do Sul, Minas Gerais e Espírito Santo. É onde começa a relação desse povo com a bacia do Doce.

A primeira cidade brasileira fundada por imigrantes italianos foi Santa Teresa, município pertencente à bacia do Doce na região serrana do Espírito Santo. Sua história começa entre os anos de 1874 e 75, quando os primeiros imigrantes italianos chegaram em solo brasileiro trazidos pela expedição Tabachi. Com a promessa feita pelo governo brasileiro de bons salários e um pedaço de terra, os italianos acreditaram realmente ter encontrado o "Novo Mundo", onde fundariam suas colônias e constituiriam família. Não demorou muito para que se decepcionassem.

Durante o período do Império os colonos de Santa Teresa viveram praticamente abandonados, abrindo estradas para tropas de burro, plantando café e cereais, erguendo choupanas por entre tocos de árvores queimadas. Muitos foram atacados por doenças como febre tifóide, malária, varíola, opilação, icterícia e hidropisia. Mas o sonho dos Italianos na bacia do Doce não terminou assim, eles ainda tinham muito fôlego para dar a volta por cima, e as duas últimas décadas do século XIX

trouxeram novas oportunidades.

Em 1890 o mercado de café em ascensão colocou Santa Teresa na posição de um dos mais importantes e ricos municípios capixabas da época. Antes disso, na década de 1880 iniciou-se uma grande migração interna no Espírito Santo, quando acompanhando os cursos d'água – dentre eles o do rio Doce – os estrangeiros foram em busca das "terras quentes" ou "terras roxas"; regiões planas, com abundância de água e solo fértil. E assim se espalharam e começaram a florescer em muitas partes da bacia.

Segundo Ivana Araújo Lass, autora do livro *Desengano Terra Nostra*, naquela década alguns grupos de italianos chegaram às terras onde hoje se localiza o vilarejo que dá nome à publicação – atualmente um distrito de Linhares-ES. Exemplo do empenho dos italianos em construir seu "Novo Mundo" na bacia, o vilarejo de Desengano teria sido criado pelo italiano Ângelo Menelli, em meados de 1920. Em nome daquele sonho e pensando no desenvolvimento futuro do distrito, Menelli chegou a doar grandes extensões de terras para aumentar sua área territorial, e com apoio de fazendeiros da região formou uma comissão que deu início à construção de benfeitorias como praças e igrejas.

Atualmente, mais de 1,7 milhão de italianos e descendentes vivem no Espírito Santo, o que representa mais da metade da população formada por italo-descendentes. Outros 1,5 milhão estão espalhados por Minas Gerais – 7,5% da população. Seja em pequenas colônias, que isoladas ainda preservam firmes as tradições e costumes italianos, seja nas cidades, este é um povo que faz parte da bacia e sua cultura, gente que entre os afluentes do Doce construiu sua vida e sua história.



Produtor de Água: projeto pretende remunerar produtores rurais

Os proprietários rurais da bacia hidrográfica do rio Benevente terão um motivo a mais para adotar boas práticas ambientais. Isso porque esses proprietários irão receber um incentivo financeiro para realizar ações de recuperação ambiental.

No Espírito Santo o Governo do Estado lançará o programa Produtores de Água, que tem como mecanismo de ação o pagamento por serviços ambientais. Por meio desse projeto, os produtores rurais que tiverem florestas nativas e que fizerem ações de recuperação em suas terras, serão remunerados. Por exemplo: um produtor que tenha floresta nativa em sua propriedade receberá uma compensação financeira proporcional ao custo de oportunidade da região, ou ainda, aquele

que tiver uma área de pastagem degradada receberá recursos, como incentivo para reflorestá-la. Além disso, ações como modernização e manejo de culturas agrícolas, reflorestamento de pastagens e recuperação de mata ciliar, dentre outras, poderão ser compensadas.

O projeto já tem garantida uma verba de R\$ 330 mil do Governo do Estado, e ainda há expectativa da adesão de outros parceiros. Segundo o diretor de Recursos Hídricos do lema, Fábio Anheret, está sendo criada uma nova política pública no estado: a de valorizar economicamente a



mata em pé, ou seja, floresta nativa é ativo ambiental. A expectativa é que o projeto comece a funcionar ainda no segundo semestre deste ano.

Outorga descomplicada em território capixaba

A normatização do processo de outorga está sendo revista no Espírito Santo. As medidas são para adequar as normas vigentes à realidade do estado. Segundo o diretor de Recursos Hídricos do lema, Fábio Anheret, certos aspectos da legislação se baseiam em dados que não correspondem à realidade atual dos rios capixabas. Um exemplo dessas ações é a alteração das vazões de referência. Fábio cita casos de corpos d'água capixabas que em determinado período do ano secam, o que pode inviabilizar uma solicitação de outorga. Com a mudança da referência esse problema fica sanado, uma vez que isso é levado em consideração.

Outra ação no sentido da otimização é com relação à outorga de lançamento de efluentes. Isso porque a maioria dos rios do Espírito Santo está enquadrada na classe II, o que não condiz com a realidade física das águas capixabas, que podem ser consideradas de classe III ou IV, quer dizer, mais poluí-

das. Para alinhar essa realidade é que a partir de agora, no processo de outorga, o analista responsável vai avaliar a qualidade real do corpo hídrico em questão. Com isso, pode-se estabelecer a qualidade justa do efluente que o empreendedor poderá lançar no rio. Além disso, irão se estabelecer metas progressivas para que o efluente possa melhorar, ser mais limpo. "O que estava acontecendo é que em algumas situações o efluente tratado apresentava melhor qualidade que a própria água do rio e não podíamos outorgar, isso estava inviabilizando muitos empreendimentos no Espírito Santo", informa Fábio.

E ainda, para que os processos possam ter mais agilidade, está sendo implantado um sistema infor-

matizado com parâmetros mais atualizados para gerar os dados para subsidiar as outorgas. Por meio do projeto Águas Limpas, foi feito o Cadastro de Usuários e Otimização do Processo de Outorga. Segundo os analistas do lema, por meio desse cadastro tem-se dados mais atualizados e com maior precisão das vazões dos rios no estado.



Espírito Santo vai eliminar lixões até 2010

Destinar corretamente 100% do lixo gerado e exterminar do território capixaba todos os lixões existentes. Esse é o objetivo do projeto Espírito Santo sem Lixão, trabalho do governo capixaba. À frente da ação estão as secretarias de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Seama) e a de Saneamento, Habitação e Desenvolvimento Urbano (Sedurb). O Estado investirá cerca de R\$ 50 milhões até 2010 na implantação de quatro Sistemas de Destinação Final Adequada de Resíduos Sólidos Urbanos (RSU).

No Espírito Santo, um estudo constatou que 26 municípios capixabas depositam seus resíduos em três aterros sanitários licenciados privados, localizados em Aracruz, Cariacica e Vila Velha. Enquanto isso, todas as outras 52 cidades utilizam 102 lixões espalhados pelo estado.

A coleta do lixo nas cidades e o transporte até as estações de transbordo serão funções atribuídas aos municípios. A partir da chegada dos caminhões compactadores nas Estações de Transbordo até a destinação final dos RSU nos Aterros Sanitários, as operações passam a ser gerenciadas pelos respectivos Consórcios Públicos Regionais e operadas pelas empresas concessionárias especializadas.

A Estação de Transbordo é o local onde os caminhões compactadores de coleta, vindos de várias cidades, transferem os RSU para caminhões de maior capacidade, gerando economia e maior eficiência no transporte regional.

Cada sistema a ser instalado nas regiões denominadas Norte, Doce Oeste, Sul Serrana e Litoral Sul é composto por um Aterro Sanitário Regional licenciado, logística de transporte e Estações de Transbordo Regionais, em número determinado pela escala de produção de RSU. O Governo vai construir todas as estruturas necessárias nas regiões prioritárias, com recursos próprios.



A gestão e regulação dos quatro sistemas serão feitas por meio de Consórcios Públicos Regionais, constituídos pelo estado e municípios, na forma da Lei Nº 11.107/05, e operados, em regime de concessão, por empresas especializadas.

Já aderiram ao projeto os municípios das regiões Doce Oeste e Norte, para as quais os trabalhos de efetivação estão sendo implementados pelo Governo do Estado.

As fotos acima mostram o passado e o futuro. No alto da página, os lixões, condenados a desaparecerem do mapa do Espírito Santo. Mais abaixo, uma imagem produzida por computador mostra como serão as estações de transbordo

RECICLAGEM

Parcerias que dão certo em pequenas comunidades

Em Vargem Alegre e Imbé de Minas, duas pequenas cidades da bacia do rio Caratinga, o lixo reaproveitável tem destinos certos: a Coopervidas – Cooperativa Vidas Solidárias da Região de Vargem Alegre Ltda. – e a Ambiental Recicle Artes e Talentos.

A Coopervidas, através de uma parceria com a Petrobras, desenvolveu o Projeto Fábrica de Vassouras e Sacolas Plásticas. Em média são produzidas duzentas vassouras de PET – Polietileno Tereftalato. Para isso, 75 mil garrafas são recicladas todo mês.

De acordo com o gestor da cooperativa, Erofilho Lopes Cardoso, a cidade de Vargem Alegre não gera material suficiente para a produção de vassouras da Coopervidas. “Adquirimos o restante da matéria-prima em cidades vizinhas, através de permuta por vassouras recicladas ou mesmo comprando o material de catadores. O ideal para nós seria fecharmos parcerias com entidades especializadas em arrecadar material reciclável”, explica.

A fábrica gera, hoje, renda direta para 33 famílias. A expectativa dos cooperados é de que este número aumente assim que a fábrica de sacolas estiver funcionando. “Além de contribuir com o meio ambiente, uma vez que este material que seria jogado no lixo é reciclado, a Coopervidas gera trabalho e renda para famílias carentes e jovens desempregados”, afirma um dos fundadores da cooperativa, padre João Batista de Oliveira.

A poucos quilômetros de distância, outra experiência de reciclagem em parceria com a comunidade começa a achar seu espaço na região. O sucateiro e ambientalista Manuel Brás da Silva e a professora de artes Terezinha Rosa de Lima se uniram para ensinar os moradores de Imbé de Minas a reaproveitar materiais como plástico, madeira, vidro, jornal e papelão, transformando-os em artesanato e fonte de renda. Assim criaram a Ambiental Recicle Artes e Talentos.



“É uma escola de artes, que ensina pintura, bordado, biscuit e todo tipo de artesanato feito com material reciclado”, explica Tereza. “A intenção é formar uma equipe de produção com os alunos, para que depois a gente possa manter uma lojinha e acompanhar as feiras de artesanato da região”, acrescenta Manuel.

A Ambiental Recicle Artes e Talentos tem menos de um ano de existência e conta com o apoio do Sis-cordam – Sistema de Coleta Reciclável e Defesa Ambiental. A instituição faz a coleta e doação do material reciclável utilizado na confecção das peças, como quadros, porta-lápis, vasos, etc.

O Sis-cordam atua há mais de oito anos em Imbé de Minas fazendo coleta e venda de material para reciclagem. Compõe a Comissão Municipal do Plano de Desenvolvimento Sustentável – Agenda 21 da bacia hidrográfica do rio Caratinga.

O sistema de coleta também vem sendo feito na área rural. Segundo a organização do Serviço Voluntário de Coleta Convencional e Preservação à Natureza, os próprios moradores das comunidades estão se organizando e colocando o lixo já separado nos pontos combinados para a coleta ser feita. “Isso ajuda a evitar que esse lixo seja queimado ou jogado na natureza”, alerta Manuel.

Seja também parceiro!

Para adquirir uma vassoura reciclada ou obter mais informações sobre a Coopervidas, ligue para (33) 3324-1522, 9902-1549 ou escreva para coopvidassolidarias@yahoo.com.br

Os interessados em participar das aulas ou colaborar com os trabalhos da Ambiental Recicle Artes e Talentos podem entrar em contato pelo telefone (33) 3325-1375.



Coleta seletiva na zona rural

Preservação e educação ambiental em Colatina

A coleta seletiva e a reciclagem do lixo contribuem para a recuperação de matérias-primas que de alguma forma seriam extraídas do meio ambiente. Por natureza são atividades que dependem da consciência e da participação individuais, e este envolvimento funciona como um importante mecanismo para sensibilizar e inserir a população na questão ambiental. Assim, além de contribuir para o meio ambiente, o cuidado com o lixo age também como instrumento de educação ambiental.

Pensando nisso, o Sanear - Serviço Colatinense de Meio Ambiente e Saneamento Ambiental - e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Colatina firmaram uma parceria que atualmente realiza coleta seletiva em duas áreas rurais do município de Colatina e mostra ser um bom exemplo para toda a bacia do Doce. São arrecadados aproximadamente 6500 quilos de lixo em coletas bimestrais, atendendo cerca de 1200 famílias.

A primeira atividade, realizada em 2003, foi visitar as 28 comunidades dos vales de Santa Joana e Boa Esperança para realizar um diagnós-

tico e avaliar quantidade e tipos de resíduos sólidos produzidos, métodos de descarte e destino final. No mesmo ano, com o início das coletas, a ação passou a se chamar Projeto Coleta

Seletiva nos Vales de Santa Joana e Boa Esperança.

A parte reciclável do lixo coletado, como plástico, alumínio e vidro, é separada e encaminhada para a Arecol - Associação dos Agentes Ambientais Prestadores de Serviço na Coleta de Materiais Recicláveis. Já o restante, considerado dejetos, é enviado para o Cetreu - Centro de Tratamento de Resíduos Urbanos.

Além da coleta, a equipe do Sanear realiza um trabalho de educação ambiental junto à população das comunidades. "Fazemos visitas, preparamos reuniões e palestras. Nós capacitamos as comunidades para que elas se preparassem para a coleta seletiva, separando devidamente o lixo e cuidando para o bom andamento do processo", conta orgulhoso Cleuber Melotti, coordenador do Projeto e diretor do Sanear.

"Na medida em que sensibilizamos a comunidade sobre os problemas do desperdício de recursos naturais e da poluição causada pelo lixo, a coleta seletiva funciona também como um processo de educação ambiental, que é parte fundamental para a inserção do projeto", conclui Cleuber.





Articulação e Gestão

Soluções negociadas em prol do meio ambiente

Vem de Linhares-ES mais um bom exemplo para a bacia do rio Doce. Exemplo de articulação, gestão e busca de soluções negociadas envolvendo dois órgãos públicos e muitos interesses da sociedade. Trata-se do processo de licenciamento de duas ETEs – Estações de Tratamento de Esgoto. Apesar de prontas para funcionar, uma série de problemas entre o Saae – Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Linhares – e o lema – Instituto Estadual de Meio Ambiente –, dificultaram o licenciamento das ETEs e criaram um enredo digno de novela em torno do assunto. Mas a vontade de fazer o melhor pela população e pelo meio ambiente foi mais forte e as cenas dos últimos capítulos estão se aproximando.

A ETE do distrito de Rio Quartel, construída em 2006, e a ETE do bairro Movelar, em 2001, não puderam entrar em operação por problemas técnicos que impossibilitaram a obtenção da licença do lema. Mas, do outro lado da história, ficava a população, prejudicada pela falta de tratamento do esgoto e até mesmo pela existência de esgoto a céu aberto. Para encontrar uma solução de conciliação para a situação foi organizada uma reunião entre a direção do Saae, corpo técnico e direção do lema, durante o período preparatório do 4º Fórum das Águas do Rio Doce.

Os problemas eram muitos, quando

todos se reuniram. Aladim Fernando Serqueira, diretor técnico do lema, esclarece a respeito da ETE do bairro Movelar que a quantidade de efluentes que pode ser jogada num curso d'água sem prejuízos graves é proporcional à sua vazão, ou seja, depende do volume de água que corre naquele córrego ou rio. Ocorre que na época da seca a quantidade de esgoto despejado pela ETE, mesmo tratado, seria grande demais para o córrego,



o que tornaria pior a qualidade de suas águas, contrariando a legislação ambiental. "Ao visitarmos o local, contudo, vimos que ficar como estava era pior. O esgoto era jogado a céu aberto, prejudicando, além de outros cursos d'água, também uma grande população", explica o diretor do lema.

Idéias foram apresentadas e nego-

ciações feitas. Em vez de descaso e desentendimentos entre estado e município, o que se teve foi muito trabalho. Apesar de várias condicionantes a cumprir, hoje as duas ETEs têm a liberação para funcionar. "Muitos foram os procedimentos para chegarmos até aqui. Cumprimos as condicionantes, aconteceram visitas técnicas do lema ao local, surgiram questionamentos, fizemos reuniões e diálogos. A articulação feita pela equipe do Projeto Águas do Rio Doce foi muito importante, pois facilitou o diálogo, focalizou as forças e possibilitou um entrosamento mais adequado a entendimentos nas negociações de aspecto técnico e legal entre as partes.", explica a diretora do Saae de Linhares, Diclá Maria Pifer Brzesky.

O benefício para a população é o retorno mais imediato, provendo saneamento básico para duas mil pessoas no distrito de Rio Quartel e 15 mil no bairro Movelar. Além disso, toneladas de resíduos não tratados deixarão de ser lançados nos cursos d'água do município e consequentemente da bacia do rio Doce, muito em breve.

"As Estações de Tratamento de Esgoto proporcionam melhor qualidade de vida para população, assegurando saúde e preservação do meio ambiente, além de ainda garantir a sustentabilidade das gerações futuras, que aguardam dias melhores", conclui Diclá.



ETE de Itabira

Recursos do Prodes chegam à bacia do Doce

A cidade mineira de Itabira, com 105 mil habitantes, situada nas cabeceiras de dois dos principais afluentes da margem esquerda do rio Doce, o rio Santo Antônio e o rio Piracicaba, inaugurou a sua ETE – Estação de Tratamento de Esgoto – em março deste ano. A obra é uma conquista para a bacia hidrográfica do rio Doce, que pela primeira vez conseguiu participação no Prodes – Programa de Despoluição de Bacias Hidrográficas.

O Prodes foi criado em 2001 pela ANA – Agência Nacional de Águas – para incentivar a implantação de ETEs através do estímulo financeiro, afim de reduzir os níveis de poluição das águas no país.

Um contrato de pagamento pelo esgoto tratado é assinado entre o Governo Federal, por intermédio da ANA, e

o prestador do serviço de saneamento, entidade pública ou privada, neste caso o Saae – Serviço Autônomo de Água e Esgoto – de Itabira. A liberação dos recursos se dá a partir da conclusão da obra e início da operação da ETE, em parcelas vinculadas ao cumprimento de metas de abatimento de

cargas poluidoras e demais compromissos contratuais.

O recurso total aprovado pelo Prodes para as obras em Itabira é de R\$ 3,8 milhões, financiado pelo BNDES com apoio da Prefeitura e Saae.

Itabira cumprirá ainda neste ano a meta de 100% do esgoto da área urbana tratado e devolvido à natureza, dentro das condições sanitárias preconizadas pelos órgãos de controle ambiental.

A ETE Pedreira contempla as duas principais bacias de esgotamento da malha urbana: a do córrego Água Santa e a do ribeirão do Peixe.

A estação de tratamento contém duas etapas. A primeira, inaugurada este ano, atenderá a demanda atual da cidade; a segunda é projetada para quando o município atingir 130 mil habitantes.



Razões para tratar os esgotos:

- Saúde Pública: Reduzir o número de organismos patogênicos presentes nos esgotos, possibilitando o retorno dos efluentes ao meio ambiente sem risco de transmissão de doenças de veiculação hídrica
- Ecológica: Evitar a degradação ambiental, protegendo a biodiversidade e o equilíbrio do meio ambiente
- Econômica: Reduzir o custo do tratamento da água e o risco de indisponibilidade desse recurso para o consumo humano, industrial e comercial
- Estética: Evitar prejuízos ao lazer e ao turismo devido à poluição das áreas utilizadas para essas finalidades
- Legal: Os proprietários de áreas de lançamentos de esgotos têm direitos legais de uso da água em seu estado natural



Destinação de Resíduos

Público e privado investem no meio ambiente

Duas iniciativas recentes no mesmo município merecem destaque como bom exemplo de saneamento ambiental: uma pública, o Aterro Sanitário de Caratinga; outra privada, o Plano de Controle Ambiental de Gerenciamento de Resíduos Sólidos de Construção Civil Classe A, instalado próximo a Ipatinga.

Desde maio deste ano Caratinga-MG está entre os dezoito municípios de Minas Gerais que contam com aterro sanitário funcionando dentro das normas exigidas pelos órgãos ambientais. A obra foi construída com recursos do fundo de desestatização da Vale do Rio Doce e gerenciada pelo BDMG. A projeção de utilização do aterro é de até 27 anos.

O Aterro Sanitário de Caratinga ocupa vinte hectares, localiza-se a sete quilômetros do centro urbano e atende as exigências técnicas do Sistema Estadual de Gestão Ambiental, incluindo medidas de proteção do solo, ar, águas superficiais e subterrâneas. "O local para disposição do lixo e a lagoa de chorume estão protegidos por uma manta hídrica que evita contaminação do solo e do lençol freático", esclarece o secretário municipal de meio ambiente, coronel José Carlos

de Souza, oficial reformado da Polícia Militar. "Nossas preocupações são voltadas para a destinação correta do lixo. Temos aqui uma autoclave para incinerar o lixo hospitalar. O próximo passo é fazer a coleta seletiva do lixo em toda cidade", acrescenta.

O secretário ressalta que o aterro é mais que um local para dispor o lixo de maneira ecologicamente correta:



"é um ambiente arborizado, para educação ambiental e gestão em parceria com a comunidade".

O Aterro de Resíduos Sólidos de Construção Civil está sendo construído em território do município de Caratinga, mas fica mais próximo do centro urbano de Ipatinga, 15 km. Propriedade da Construtora Oliveira

Ribeiro, o local já possui Licenciamento de Operação Municipal, conforme as normas técnicas da ABNT e a Resolução 307 do Conama.

De acordo com o proprietário da construtora, André Wagner Ribeiro, a previsão é que tudo esteja pronto até outubro. O local será utilizado como aterro por 56 meses, e uma área de preservação com 18 mil metros quadrados está sendo recuperada no local.

O empreendimento também poderá atender outras empresas de construção civil que produzem resíduos tecnicamente enquadrados como Classe A, que além de recicláveis não agredem o meio ambiente. São restos, como componentes cerâmicos, argamassa e concreto, provenientes de construção, demolição, reformas, etc.

O objetivo principal deste tipo de aterro é dispor adequadamente os resíduos sólidos da construção civil, preservando o meio ambiente de acordo com a legislação vigente. As exigências incluem: contribuir para a diminuição dos impactos causados; reservar adequadamente materiais, possibilitando o uso futuro do material ou da área; e destinar os resíduos Classe A conforme as especificações técnicas.

Cattleya guttata



Cattleya guttata
"Morozini"

Nas próximas páginas a REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE traz belíssimo ensaio fotográfico com uma grande estrela da bacia do Doce. A *Cattleya guttata* nos mostra como até indivíduos de uma mesma espécie de orquídea podem ser incrivelmente diferentes entre si, simbolizando a frágil beleza da biodiversidade.



Rara Beleza: Fotografias da esperança

Elédio Braz Dalmaschio*

Quando falamos em orquídeas do Espírito Santo, logo vêm ao pensamento dos orquidófilos e orquidólogos as espécies mais conhecidas e famosas, como *Cattleya warneri*, *Cattleya velutina*, *Laelia pumila*, *Laelia prestans*. Dificilmente alguém se lembra das espetaculares *Cattleya guttata*, simplesmente por falta de um conhecimento mais profundo delas.

Nos últimos anos tenho excursionado frequentemente por seus habitats, preferencialmente pelas restingas, na época de floração, observando a beleza de suas flores e suas magníficas variedades. Eu as fotografei centenas de vezes, assim como seus híbridos naturais.

Considerando que seus habitats estão sendo rapidamente destruídos à medida que o "progresso" chega, tenho procurado registrar uma memória fotográfica dessas maravilhas antes que acabem definitivamente e nossos netos nem cheguem a conhecê-las.

Por mais que se lute para preservá-las, comerciantes inescrupulosos e coletores sem nenhuma consciência ecológica estão trabalhando com muito afinco para seu extermínio. Também muito tem ajudado a falta de interesse das autoridades competentes (tantas vezes

solicitadas) no sentido de proteger estas áreas.

Tenho notado especificamente no Pontal do Ipiranga, região de restinga no município de Linhares-ES, outro problema muito sério. Alguns fazendeiros locais, provavelmente com medo de a área ser transformada em alguma espécie de reserva, estão descaracterizando o local ao soltar gado nesta região. É uma cena lamentável... dezenas de enormes touceiras dessas obras de arte da natureza devoradas por animais domésticos. Acredite ou não, boi também come orquídea.

O objetivo deste singular ensaio fotográfico é mostrar toda a beleza de uma espécie tão pouco estudada no meio orquidófilo, já que não existe obra nenhuma sobre ela.

Suas variedades são tantas que às vezes nos custa acreditar que se trata realmente de uma *Cattleya guttata*. Com certeza, após ver as fotos o leitor que ainda não valoriza esta beleza mudará radicalmente de opinião.

Eu tenho uma esperança muito firme de que no futuro estas flores poderão ainda ser vistas em seus habitats, em reservas habilmente administradas, e não somente através de fotografias.

Elédio Braz Dalmaschio é bancário aposentado do Banco do Brasil, orquidófilo desde 1985, membro da Sociedade Espírito-santense de Orquidofilia - Núcleo Juparanã.



A restinga e a luta dos orquidófilos (conscientes) para a preservação das guttatas

Existem locais nas restingas do baixo rio Doce que se transformam em imensos jardins de orquídeas, um mundo colorido que encanta até os olhos dos mais insensíveis. Cores, odores e insetos nos encantam e nos fazem ver mais do que a nossa imaginação poderia pensar.

Infelizmente nesses paraísos é muito comum ver bois comendo as orquídeas e seres humanos enchendo camionetes com touceiras inteiras para serem comercializadas.

Orquidófilos da Sociedade Espírito-santense de Orquidofilia e do Núcleo Juparanã de Orquidofilia têm lutado muito para que os órgãos competentes transformem esses jardins naturais em áreas de preservação, ou algo equivalente, para que todos possam visitar e se encantar com essa dádiva da natureza. É hora de união, para que juntos busquemos uma solução que acabe com os abusos cometidos contra estes cenários únicos.

Cattleya guttata avermelhada "Fabiano Traspadini"



CATTLEYA GUTTATA

Cattleya guttata "Vitor M. D."





Cattleya guttata "D. Sylvina"



Cattleya guttata "D. Josefina"

CATTLEYA GUTTATA

Cattleya guttata "Rosea"



Cattleya guttata "Salmão sem pintas"



CATTLEYA GUTTATA

Cattleya guttata | Tipo Espírito Santo

Cultivo: AWZ Orquideas - Foto Alek Zaslavski

Cattleya guttata albina "Interlagos"



Uma das mais raras
variedades desta espécie.



Cultivo "AWZ" Orquidário | Fotos: Alek Zaslavski



CATTLEYA GUTTATA

Estas imagens ilustram bem a diversidade de cores e formas presente na espécie, numa mistura de tonalidades escuras e claras, desde o labelo até as pétalas e sépalas, além dos detalhes das pintas.



Cattleya guttata aurea sem pintas “da Graça”

Cattleya guttata “A & M”



Cattleya guttata coerulea "Eledio"



Cattleya guttata
sem pintas "Carlitus"



CATTLEYA GUTTATA



Cattleya guttata amesisana



Cattleya guttata "iporã"

CATTLEYA GUTTATA

Cattleya guttata sem pintas “Sussuarana”

Guttata com Arte

A artista plástica Geralda Rodrigues Cravo é natural de Água Doce do Norte e vive em Linhares desde 1972. Passou a se interessar por pintura em 1979, inicialmente em porcelana e posteriormente em tela.

Pinta quadros com diversos temas, mas sua paixão mesmo são as orquídeas, das quais já pintou diversas. Ultimamente tem pintado uma de suas preferidas, a *Cattleya guttata*, encantada com suas cores e variedades.

Orquidófila desde 1978, tem em seu quintal uma coleção de que cuida com imenso carinho. Pertencente ao Núcleo Juparanã de Orquidofilia e freqüentadora assídua das reuniões, participou da exposição de orquídeas Rara Beleza, no 4º Fórum das Águas.



Orquídeas

Exigências e satisfação em seu cultivo

* Maria das Graças Cogo Dalmaschio

As orquídeas são seres vivos que exigem do cultivador tudo que um filho exige dos pais: amor, cuidado, carinho e atenção. Quando bem cuidadas, crescem com vigor e nos presenteiam com belíssimas flores, assim como os filhos quando amados nos mostram seus valores bem definidos.

As pessoas que gostam de cuidar bem de suas plantas devem dedicar uma boa parte de seu tempo disponível para acompanhar e curtir o crescimento e a floração. Acompanhar de perto as doenças e os vários insetos que adoram se estabelecer em nossas preciosidades. Uma olhada diária é essencial para o controle de doenças e matinhos que nascem nos vasos. É muito gratificante seguir o crescimento de um botão em sua primeira floração, por exemplo, e ficar se perguntando: qual a cor? Qual a forma? Será que os insetos (sempre eles) não vão danificar a flor? Guardadas as devidas proporções, é como aguardar o nascimento de um filho (ou neto).

Um fato que deixa qualquer orquidófilo de verdade muito triste é quando um amigo diz que está desanimado com suas plantas e que não sabe se vai continuar a cuidar mais delas, pois não tem tempo ou não está conseguindo controlar os insetos. Ficamos imaginando como aqueles seres

sofrerão com o abandono e como irão lutar para sobreviver. Quando amamos não abandonamos... por isso, quando deixar de amar suas plantas entregue-as para alguém cuidar, pois abandonadas serão alvo de insetos e várias doenças, e logo estarão completamente destruídas.

Lidar com seres vivos não é fácil, já que necessitam o tempo todo de nossa assistência. Algumas dicas podem ajudar a manter suas plantas saudáveis, mas sempre se lembre de consultar um orquidófilo experiente quando tiver dúvidas.

Corte bulbos velhos ou secos e folhas amareladas, mas não use a tesoura de poda em mais de uma planta, pois você poderá levar vírus ou fungos de uma para outra. Esterilize-a usando fogo ou cloro. Ao retirar uma muda, feche o corte com um fungicida ou cicatrizante. Controle os insetos com um inseticida específico e aplique fungicidas de 40 em 40 dias, principalmente os preventivos. Escolha o substrato certo para cada tipo de planta. A *Cattleya guttata*, por exemplo, gosta de caixa de madeira com algum xaxim e pedaços de madeira ou casca de pinus. Jogue água quando o substrato estiver seco e replante quando estiver velho ou se a planta estiver saindo muito fora do vaso.

Dicas

- Leia tudo o que puder sobre o assunto.
- Converse com orquidófilos experientes.
- Visite orquidários e exposições de orquídeas.
- Participe de uma associação orquidófila e vá sempre às reuniões.
- Não colete orquídeas na natureza. Existem centenas de comerciantes com quem você conseguirá plantas já selecionadas, de boa forma e a preço acessível. Seja um conservacionista e não um predador. Faça a sua parte...

*Maria das Graças Cogo Dalmaschio é professora e apaixonada por orquídeas, que cultiva desde 1990, e faz parte do Núcleo Juparanã de Orquidofilia (Linhares-ES).

Como replantar sua orquídea



1

Quando sua planta estiver com vários bulbos fora do vaso ou substrato velho, replante-a.



2

Com um instrumento esterilizado, corte no mínimo quatro bulbos.



3

Exemplo de muda com o tamanho certo para plantio.



4

Para evitar doenças, pincele o corte com fungicida ou cicatrizante.



5

Esta *Bc. fregoniana* foi replantada tendo como substrato casca de peroba e fibras de xaxim.



6

Você poderá também utilizar outros substratos, como xaxim, pinus, fibras de coco, entre outros.

APRENDA A CULTIVAR ORQUÍDEAS

Com este DVD da série
Riquezas do Doce você poderá iniciar
ou aprimorar seu cultivo, com as dicas
de Aloísio da Consolação Roberto, do
Orquidário Vida-Viva

Menu interativo

- O orquidário
- Plantio em árvores
- Adubação e limpeza
- Replanteio
- Literaturas
- Variedades
- Desidratação em plantas



Solicite o seu DVD
www.aguasdoriodoce.com.br
ecoloja@aguasdoriodoce.com.br

*Há 40 anos transportando
quem faz o progresso de
Linhares de Ponto a Ponto*



40 anos

JOANA D'ARC

QUALIDADE NO PONTO

Rodovia BR 101 - Km 146 - Três Barras
Linhares - ES - Tel - (27) - 2103 - 1550



Amadurecimento na gestão

Vítor Feitosa é geólogo formado pela USP – Universidade de São Paulo, fez toda sua carreira na área da mineração e atualmente é diretor de operação da MMX – Mineração & Metálicos. Há quatro anos é secretário executivo do CBH-Doce – Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Doce e desde 1999 é membro da diretoria do CEMA – Conselho de Empresários para o Meio Ambiente da Fiemg – Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais, sendo seu presidente desde 2001.

Nosso entrevistado acredita que haverá um processo de exclusão natural do empresário do modelo antigo e que o empreendedor com visão moderna é aquele que considera a sustentabilidade como parte da geração de valor do seu negócio.

Depois de quase dez anos de Cema o senhor avalia que houve realmente mudanças no empresariado com relação à questão ambiental?

Acho que houve uma mudança muito grande. Percebemos isso pela própria valorização e receptividade do Conselho dentro da Fiemg. As reuniões do Cema são as únicas de conselhos da Fiemg que acontecem em vídeo-conferência com as regionais, normalmente participam sete a oito regionais e só uma ou duas ficam de fora.

Observamos primeiro, que o empresariado começou a entender que a questão ambiental não era só retórica, mas exigia ações tecnicamente elaboradas, juridicamente fundamentadas e politicamente articuladas. Significa dizer que questão ambiental não é fazer um estudo de impacto ambiental qualquer, na linha do CTRL+C CTRL+V (copiar e colar). Infelizmente existem ainda muitos estudos de má qualidade e empresários se entregando nas mãos de consultores picaretas.

Aliás, o mercado de consultorias picaretas cresceu muito...

Sim, mas ao mesmo tempo os órgãos ambientais reagem a isso cobrando que o maior desejo do empresariado, a agilização dos processos de licença, possa se dar se houver também por parte do empresariado uma melhoria na qualidade dos estudos dos impactos ambientais. E isso já começa a acontecer, já vemos melhora clara nesse processo, até porque o órgão também vai aprendendo a identificar e lidar mais rapidamente com desvios, aqueles pontos fora da curva.

Claro, o empresariado muitas vezes reclama achando que é verdade; ainda há exageros diversos, principalmente pela ação do Ministério Público, que fazem com que o empresariado muitas vezes não consiga entender porque é cobrada determinada coisa dele, nem o que está sendo cobrado.

Portanto acho que a questão ambiental tem um longo caminho ainda pela frente para que todos possam en-

tender o real significado, por exemplo, de um licenciamento ambiental. O licenciamento ambiental deveria ser uma forma de estimular o desenvolvimento econômico sadio, com preservação do patrimônio natural, e o que a gente observa é que ele faz exatamente o contrário, dificulta o desenvolvimento, põe empecilhos e não garante a preservação do patrimônio. Isso acaba levando, às vezes, até à clandestinidade.

Temos que encarar o licenciamento com muito mais objetividade. Já não é mais a vez de levantar as bandeiras antigas do ambientalismo, de simplesmente defender o verde pelo verde sem um maior entendimento do processo. Acho que o próprio ambientalismo evoluiu sua compreensão.

O senhor se refere aos últimos dez anos desde a publicação da Lei das Águas?

É, e acho que o modelo de gestão de recursos hídricos, com os comitês de bacias, conquanto esteja ainda na

“O licenciamento ambiental deveria ser uma forma de estimular o desenvolvimento econômico sadio”



sua infância, dá claros indicativos da importância nas questões ambientais de entender tudo isso sob uma ótica não pura e simplesmente ambiental, mas também social e econômica. É uma conciliação dos três aspectos, em que se deve fazer um esforço muito grande para entender as demandas e conseguir atingir bons resultados nas três esferas.

Existe diferença no relacionamento com o meio ambiente entre as pequenas, as médias e as grandes empresas?

Umas amadurecem mais que as outras, até em função do setor em que estão, e evidentemente as grandes são mais ágeis, pois o mercado externo e os bancos na hora do financiamento hoje também cobram muito isso. Uma grande empresa fica em evidência maior, tende a ser mais fiscalizada, mais cobrada pela comunidade, seus impactos são localmente maiores.

As pequenas empresas são difusas, mais difíceis de identificar a fonte e ver um volume junto, e o grande volume acaba sendo somatório de pequenos. A pequena sempre luta com dificuldades econômicas maiores, não pode ter uma estrutura de meio ambiente própria como as grandes têm, e tudo isso acaba contribuindo para que fique para trás, e que tente sair desse processo, em vez de lidar com ele adequadamente.

A Federação das Indústrias dá apoio a essas empresas? Outros sistemas (FIESP, Findes, etc), também têm os seus conselhos de meio ambiente?

Diversas federações têm conselhos

de meio ambiente, com maneiras de funcionar diferentes. Mas o importante na Fiemg hoje é ter a participação, por exemplo, do sindicato da pequena e média indústria; eles esclarecem dúvidas, e a Fiemg tem um programa que é a “menina dos olhos” na área ambiental, o programa Produção Mais Limpa. Ele é voltado principalmente para a pequena e a média empresa, visando compartilhar práticas entre si, e também a partir de algumas coisas fornecidas pelas grandes, de tal maneira que a produção de cada uma das empresas seja hoje mais limpa que foi ontem, e amanhã mais limpa que hoje. É um caminho de melhoramento contínuo, onde se chega a conhecimentos através das técnicas e também dando possibilidade – e a Fiemg tem uma área para isso – de que essas empresas tenham acesso a financiamentos em condições adequadas para poder se ajustar ao que for necessário.

O que hoje é mais difícil ou mais preocupante para as empresas?

Eu acho que a questão mais séria é de cunho social e cultural. Nossa sociedade tende a enxergar a empresa como culpada, a pessoa se exclui historicamente e culturalmente do processo e fala: “Está do jeito que está porque as empresas poluem”. Mas as empresas existem para atender a demanda da sociedade. Observe, por exemplo, uma pessoa que troca de celular todo ano (coisa que não fazia até pouco tempo atrás). Isso é um comportamento de que as pessoas não querem abrir mão. Elas entendem que isso é algo importante para elas, mas preferem desconhecer o grande uso de recursos que gera. É o

efeito que chamamos de “NEMQ”, quer dizer, eu admito que seja produzida tal coisa que gera impacto, mas Não Em Meu Quintal. “Se você produzir em outro quintal que eu não veja, se eu ficar com meus passarinhos, meus verdinhos, minha agüinha bonitinha, eu me conformo, só não quero abrir mão da minha qualidade de vida”.

O ser humano não quer abrir mão da mordomia, da qualidade de vida, mas briga com quem usa os recursos naturais, como se uma coisa estivesse desvinculada da outra, isso forja uma ética social dúbia, e o empresário é acusado como forma de a sociedade aliviar a própria consciência.

Não existe solução para isso que não seja articulando os três capitais da sociedade: o primeiro setor, político, o segundo, empresarial, e o terceiro, a sociedade civil. Fazer com que soluções sejam negociadas, pactuadas e possam emergir para uma implantação em que todos entendam que aquilo representa os ganhos ou perdas com que eles estão dispostos a arcar, em benefício de um modelo de sociedade mais sustentável.

Essa negociação pelo resultado ambiental, social e econômico está acontecendo na prática ou ainda estamos muito longe disso?

Acho que está acontecendo na prática. O modelo de gerenciamento de recursos hídricos reflete isso, e na sociedade, de maneira geral, as casas dos parlamentos estão sendo mais usadas para debates de questões públicas de modos mais interessantes.

É claro que o processo ainda tem muito a avançar, mas o discurso já não é mais bilateral, cada vez mais encon-

“Costumo dizer que participar dos comitês de bacia mudou minha vida mais do que qualquer outra experiência já vivida por mim”



tramos fóruns onde a discussão acontece trilateralmente como deve ser. Temos amadurecido como sociedade, e é assim que vamos pactuar e implementar soluções. Não a solução certa, mas a melhor solução encontrada para aquele momento; e se no momento seguinte ela se mostrar errada, não há mais culpados, mas gente que continua perseguindo resultados em busca de uma sustentabilidade permanente. O aprendizado, vindo exatamente dos erros, é o que vai levar a uma repactuação permanente. Por isso um CBH, um conselho de órgão ambiental, ou mesmo de outras áreas, têm valor fundamental numa sociedade que busca sustentabilidade.

Já se pode dizer que há um perfil de empresário diferente daquele de um tempo atrás?

Empresário com visão moderna é o que considera a sustentabilidade como parte da geração de valor do seu negócio. Esse empresário tem em conta as premissas da pactuação trilateral, e conseqüentemente será maior sua chance de ter o que podemos chamar de “licença social” para operar.

Tudo é muito novo na gestão das águas. A Lei das Águas acabou de fazer dez anos. Ainda estamos muito sozinhos? O senhor ainda tem de fazer um grande esforço de convencimento dentro do seu segmento?

Este é um processo com um componente cultural muito forte. Um CBH é formado por governos, setor produtivo e sociedade civil, e todos trazem modelos mentais que acabam alimentando embates desgastantes. Por um lado

esses embates não fazem caminhar, mas por outro, acabam produzindo conhecimentos e percepções.

O processo pressupõe necessariamente o embate de visões. O governo foi eleito e tem a competência de gerar leis, implementá-las e fazer sua gestão; o CBH representa perda de poder na visão do governo, que fica um pouco reticente com medo dessa perda.

O setor produtivo olha para o Comitê com medo de uma armadilha para lhe tomar dinheiro, “vão meter a mão no meu bolso mais uma vez”, porque a grande competência dos usuários é gerar dinheiro, aí o empresário prefere ficar mais afastado. E finalmente a sociedade civil, que acaba reforçando estes dois medos ao ver o comitê como um espaço para exigir atitudes do governo e tirar dinheiro dos usuários.

Mas o amadurecimento começa a acontecer. Cada um aprende a ver o seu papel e a sentar-se à mesa interessado por seu segmento. Aprende a ceder um pouco para que todos saiam ganhando novamente no fim.

O senhor como pessoa e como executivo, também percebeu em si um amadurecimento nessas questões?

Costumo dizer que participar dos comitês de bacia mudou minha vida mais do que qualquer outra coisa já vivida por mim. Passei a usar o conceito de participação e descentralização não só em minha vida profissional, mas na particular também.

Os comitês têm essa força capaz de mudar pessoas. Quem começa a participar sai da defensiva, ou da ofensiva, e passa a um critério de ouvir, negociar para achar soluções. É difícil muitas

pessoas se ouvirem e entenderem. Normalmente ou se fala ou se ouve, mas o CBH é um espaço onde as pessoas se ouvem e se entendem, isso muda as pessoas.

Como você vê a bacia do Doce hoje?

A bacia está no limite. É palco de grandes contradições. Vive um momento perigoso, delicado, mas um momento de sabedoria, de expansão. Eu vejo no Doce hoje reais condições de fazer produção sustentável, mas isso está longe de ser alcançado, é preciso investir muito e participar muito. Ainda falta articulação, coisa que os comitês aos poucos estão adquirindo. Articular entre os poderes públicos municipal, estadual e federal, entre os usuários e a sociedade civil.

O amálgama que está faltando pode ser dado pelo CBH.

O plano de recursos hídricos é um produto perseguido pela Secretaria Executiva do CBH. Como o senhor enxerga seus desdobramentos?

As etapas foram construídas passo a passo. Agora é o momento da participação popular. Serão várias reuniões, encontros, debates, buscando os comitês para fazer um único plano, integrado, que será composto dos planos correspondentes às nove regiões hidrográficas da bacia do Doce. Será uma boa ferramenta para o usuário. O usuário gosta de regras claras.

O processo de elaboração do Plano Integrado de Recursos Hídricos da Bacia do Doce dará à sociedade civil amplas possibilidades de atuação. Por isso é importante que todos participem.

O mercado quer ver você!

Nós temos clientes de grande porte procurando por frutas de qualidade e produzidas com respeito ao meio ambiente. A COOPFRUT-MG foi criada por um grupo de empreendedores comprometidos com a sustentabilidade. Queremos fornecer a produção já existente de frutas a clientes que estão prontos para comprar.

Nossos parceiros já produzem anualmente: 9 mil toneladas de banana; 3 mil toneladas de maracujá; 1,5 mil toneladas de manga ubá; 500 toneladas de goiaba; 200 toneladas de abacate; 15 toneladas de acerola; 5 toneladas de figo; 2 toneladas de mangustão; 2 toneladas de carambola; 1 tonelada de lichia; 0,5 tonelada de pitanga.

Tudo isso ainda sem contar com sua produção.

**Venha fazer parte deste grupo.
Juntos faremos a diferença.
Juntos o mercado vai nos ver.**

**COOPFRUT-MG um lugar de
destaque para você.**



Tel.: (33) 3357-1399

www.coopfrut.com.br - coopfrut@coopfrut.com.br

COOPFRUT-MG - Cooperativa de Produção, Processamento e Comercialização de Frutas do Leste de Minas Gerais

Assine a Revista Águas do Rio Doce e ganhe uma coleção de produtos sobre a nossa bacia hidrográfica!

Quatro anos e mais de 250 mil leitores.

A Revista Águas do Rio Doce consolida-se como importante veículo de comunicação nos temas água, meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

Já encontrada em bancas da Grande Vitória, Vale do Aço, Governador Valadares e Grande Belo Horizonte, a Revista Águas do Rio Doce chega agora à sua casa. E não vem sozinha. Os primeiros 200 leitores que fizerem sua assinatura de dois anos receberão, além das edições semestrais, produtos do Projeto Águas do Rio Doce sobre nossa bacia.



Fortalecendo a gestão das águas pelo desenvolvimento sustentável

Assine
e Ganhe!



Documentários em DVD - Riquezas do Doce

Oito vídeos apresentam as riquezas e potenciais do baixo rio Doce em diversos temas: Arqueologia, Arte da Terra, Cacau – Ouro da mata, Encantos Rurais, Doces Águas, Pólo Moveleiro, Seiva da Floresta, Fruticultura. Em sua produção contaram com profissionais capixabas e mineiros.



Atlas Escolar da Bacia do Rio Doce: Nosso Território, Nossa Gente.

Uma caracterização geral da bacia nos seus aspectos sociais, culturais, econômicos e ambientais. Traz ricas ilustrações e linguagem acessível. Lançado em 2007 durante o 3º Fórum das Águas do Rio Doce, é a primeira publicação do gênero na bacia.



Série Arte da Terra - Cartões postais sobre as águas

Nove artistas de Linhares-ES reuniram-se durante o 4º Fórum, produziram quadros sobre as águas e cada um escolheu uma obra para ser transformada em postal. A série, além de um belo presente, registra o talento de pessoas que são do Doce, de origem ou de coração.



Livre Tempo das Águas - Antologia Literária

Neste livro, produzido por ambientalistas e feito por escritores e escritoras capixabas, muito carinho e respeito pelas águas do majestoso rio Doce. Resultado de uma parceria entre a Academia Feminina Espírito-santense de Letras e o Projeto Águas do Rio Doce, traz contos, crônicas, ensaios, artigos e poemas em duzentas páginas emocionantes.

Assinatura de
2 anos
Por
apenas
30
reais

Frete não incluso

Para receber as próximas edições da Revista Águas do Rio Doce e a coleção de produtos sobre a bacia do Doce por apenas R\$ 30,00, envie os seguintes dados* para nosso e-mail, nosso site ou nosso endereço:

Nome: _____
Endereço: _____ N° _____
Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____
CPF: _____ RG: _____
Telefone Residencial: (____) _____ Telefone Comercial: (____) _____
Telefone Celular: (____) _____ E-mail: _____

*Os dados são sigilosos e serão tratados de acordo com o código de ética da ABEMD - Associação Brasileira de Marketing Direto.

Site: www.aguasdoriodoce.com.br e-mail: assinatura@aguasdoriodoce.com.br
Endereço: Rua Marinho José Pereira, 58 - Centro - CEP: 35148-000 - Dom Cavati - MG

Olá pessoal! Eu tenho tanta novidade pra contar que nem sei por onde começar. Do Fórum das Águas do Rio Doce de Ipatinga até o de Linhares, muita água passou por debaixo das pontes. Cêis nem imaginam! Conheci tanto cunhado e tanta cunhada que tô até pensando em fazer pra mim o tar do Yorgut. É essa tar de Internet, donde as pessoas mostram as fotografias das viagens e contam coisas que aconteceram com eles. Mas enquanto o tar do Yorgut não vem, lá vai nós aqui nas águas da revista do Doce.

Turismo 1

Cêis num acreditar no que eu vi junto à cunhada Zaira e o cunhado Tunico. Teve um dia que nós saímos de barco na lagoa Juparanã, que é tão grande, mas tão grande que mais parece um mar.

Nesse dia a cunhada Glorinha e o cunhado Fábio foram com a gente. Nós conhecemos tanta beleza e vimos tanta coisa...

Inclusive tivemos a oportunidade de comer uma tilápia bem fresquinha lá no restaurante da D. Marilda, um tar de Minotauro. Fomos até na casa da escritora Maria Zunti, uma beleza de casa, de frente pra lagoa, cêis precisam ver! Assistimos um pôr-do-sol de encantar os olhos.

Turismo 2

Aproveitamos que o cunhado Tunico e a My Girl (aquela lindinha de lancha dele) estavam a disposição, fomos junto com o Zé Roberto visitar a lagoa no meio da cidade de Linhares, e pudemos ver de dentro d'água as obras de arrumação da lagoa, que eles estão fazendo. A lagoa tem peixe que só vem, mas dá até dó, de tanto esgoto que ainda tem lá. Mas o pessoal tá cuidando e tudo indica que num demora vai ficar uma beleza de gosto.

Turismo 3

Atendemos um convite da turma do Projeto Águas do Rio Doce, fomos visitar por Linhares mais de seis meses, ajudamos os cunhados e as cunhadas na montagem do 4º Fórum das Águas do Rio Doce. Mais eu tive tempo pra dançar, então fomos acompanhados por eles pra tudo que é lado. Uma coisa que me chamou a atenção foi a participação das filmagens dos vídeos sobre as riquezas do baixo rio Doce. Conheci tanto lugar legal, fui no Projeto Tamar, na vila de Regência... Aliás, aproveitamos que estavam na vila, eu e o cunhado Iberê fomos conhecer uns amigos antigos: o cunhado Profeta, o Carlinhos Sangalia, Joca, o Pescador, a D. Mariinha, o Sô Miúdo... Óia cá, foi bom pra dançar com os amigos, prosa e comer um churrasquinho de patinho daquele que num pode faltar.

Mas num parou aí. Conheci o Emir e a esposa dele, Márcia,

durante a gravação do vídeo do cacau, e a D. Helena, mãe da Leninha, proprietária do forró Juparanã. Ah, lá eu me esbardei no forró com a cunhada Idê.

Turismo 4

Ó, foi muita aventura. Teve um dia que fomos conhecer a fazenda do Zé Antônio, que preparou um galão com macarrão e umas outras coisas deliciosas. Depois do almoço nós fomos levar um tar de arborismo. É um negócio de andar em cima das árvores dependurado nas cordas, parecido com um que tinha lá no Fórum das Águas de Ipatinga pra ministrar. No início fiquei com medo pra dançar, mas eu sou homem macho, e principalmente depois que vi as crianças andando lá em cima, resolvi subir. Oh arrependimento! Eu não sabia se podia pra descer ou se podia pra me deixar lá mesmo. Foi aí que a D. Zélia apareceu, a mãe da cunhada Zaira, e me encorajou. Se ela passar, eu também passo, né possível!

4º fórum

Ipatinga foi muito bom, já me impressionei pra dançar. Mas em Linhares foi ainda melhor! Tinha tanta gente e tanta coisa pra fazer que os quatro dias eu não vi passar. Tinha até um helicóptero de fiscalizar Minas Gerais, levado pelo cunhado Paulo Teodoro, que ficou lá pra criança ver de perto. Mas tinha muito mais. Tinha um lugar só pro pessoal dançar e apresentar cultura. Ti-



Zé Dendágua

zedendagua@aguasdoriodoce.com.br

nha inté tratô! Um lugar especiar pro povo que mexe com esgoto e água. Ceis num vão criditá, mas tinha inté um rio construído só pro pessoal passeá e apriciá!

Sem falá na moçada que disputô o Torneio das Água, jogando na quadra de esporte do ginásio, organizado pelo cumpadre Roque.

Mas nem tudo era diversão. Teve muita palestra boa, muito debate... E os curso! Que pena que num deu pra participá de tudo. Mas quem participô, nem que seja um poquim só, aprendeu mais sobre o que é uma bacia hidrográfica, a importância da água e entendeu mió o meio ambiente.

Gringos

Cêis num vai criditá, mas inté fiz amizade c'umas gente que conversa tudo enrolado, que viero lá dos estrangeiro. Tinha um homi grandão com mais de dois metro que se chamava Palombo, uma muiê lôra dos óio azul, que dizem

que é fessora lá no Texas, inté me chamô pra ir conhecer a terra dela. Ah, e tinha um outro que falava e quase que dava pra entendê tudo; ele diz que é de um país lá na África, um tar de Moçambique. Hihi, o nome dele é cumpadre Belarmino... ieu acho que já ouvi esse nome em argum lugá... Era tanta gente diferente falano umas língua complicada, uns lá das'Oropa, outros dos Estados Unido, tinha inté japonês! O mais engraçado foi que o moço lá da rádio Globo me chamô pra dá uma entrevista ao vivo pensano que ieu era estrangeiro... Será que é por causa do meu sotaque?

Turismo 5

Ô gente, mas cêis pricisava vê era o encontro do turismo qui teve lá no Fórum das Água. Tinha tanto negócio gostoso de cumê que nós ficava sem sabê quar que pegava primero. Tinha as comida típica de um monte de lugá. Tinha de Santa Teresa, de Afonso Cláudio, Colati-

na, São Mateus e mais um tantão de roça ali de perto de Linhares. Eu fiquei à vontade. Só tinha comida gostosa dessas que a gente já tá acostumado lá na casa da mãe da gente. Mas num era só comilança, não. Tinha prosa tamém. Tivero lá uns homi e umas muiê danado de inteligente que explicaro assunto de turismo na roça, cumé que faiz para receber as visita na casa da gente e ainda ganhar dinheiro...

Quem arrumou a festança foi a turma da Secretaria de Turismo de Linhares mais um moço bacana chamado Jaime e uma moça que dispista de ser capixaba, mas nós bem que sabe que ela veio lá de Minas (ela chama Vera).

2009

Ieu ouvi os cumpadre e as cumadre: Zaira, Karla, Fatinha, Priscilla, Patrícia, Glorinha, Pedro Paulo, Edmilson, Tunico, Fábio, Cleuber, Henrique, Marco Antônio, Paulo Teodoro... conversano de que num vai ter o Fórum em 2009. Que pena. Logo agora que ieu tava aprendeno muito e gostano pra daná desses Fórum. Mas ieu tamém ouvi eles dizê que tem muita surpresa pra 2009 e 2010. O quê que será? Num sei. Mas que deve de sê coisa boa, isso deve. Ieu tô dentro. Com essa turma num tem parangolé, falô tá falado.



Zé Dendágua é um sujeito nascido e bem criado nas grotas da bacia do rio Doce. Filho de gente do campo, conhece todo mundo (é cheio de cumpadres e comadres). Apaixonado pela sua terra, suas águas e sua gente, gosta de um bom dedo de prosa e não tem papas na língua

Espaço das águas



Linhares

A passagem do Fórum das Águas do Rio Doce pela cidade não foi só fogo de palha. "As atividades voltadas para o meio ambiente continuam, principalmente na área da educação", explica a secretária Maria de Lourdes Franco Alves.

Através do Departamento de Cultura, a Secretaria Municipal de Educação organizou o Concurso Cultural de Frases e Reflexões sobre o Meio Ambiente e Qualidade de Vida, que premiou três alunos do ensino fundamental. "É uma forma de sensibilizar os alunos para a preservação do ambiente em que vivemos", conclui.

Instituto Biologo



O Instituto Biologo, criado durante este Fórum das Águas, promoveu um belíssimo evento abrindo a Semana do Meio Ambiente. Foi a primeira Ação Ambiental na Praia do Caju da Lagoa Juparanã, que envolveu cerca de trezentos voluntários, várias empresas e instituições parceiras. Foram recolhidos mais de duzentos quilos de lixo, realizados concursos, oficina de reciclagem, passeios por trilhas, reconhecimento de fauna e flora, palestra sobre anfíbios, plantio de mudas

de árvores, produção de fanzine e soltura de duzentos alevinos nativos. Tudo isto foi marcado pela afixação de uma placa comemorativa na praia do Caju.

É apenas o início de uma vida longa para o Instituto Biologo.

Kifrango no Fórum das Águas



Incrementar a sustentabilidade da propriedade rural, diversificando as fontes de renda através da adesão ao Programa de Integração Avícola. Esta foi a oportunidade de negócio que a indústria de frangos congelados Kifrango apresentou para os produtores do Norte do Espírito Santo no seminário "Kifrango, Empresa Socialmente Responsável", durante o 4º Fórum das Águas. A empresa também participou do Fórum com um estande e um mini-aviário montado com toda a infra-estrutura que garante um ambiente adequado para o crescimento saudável dos frangos. Foi sucesso garantido com os adultos e as crianças.

João Monlevade em destaque

A cidade sede do CBH-Piracicaba não pára de ser destaque em ações

voltadas para o meio ambiente.

O projeto "Plano de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos do Município de João Monlevade – preservação, pioneirismo e inclusão social" recebeu o primeiro Prêmio Estadual "Sustentabilidade e Gestão Ambiental Municipal de Resíduos Sólidos Urbanos", promovido pela Feam – Fundação Estadual do Meio Ambiente – em parceria com o CMRR – Centro Mineiro de Referência em Resíduos.

Depois da viagem cheia de conhecimento a Linhares, os jovens participantes do Fórum Mirim da Bacia do Piracicaba e a professora Iolanda foram recepcionados na Câmara Municipal para receberem uma Moção de Aplausos, homenagem organizada pelo vereador Contrapino, que também esteve presente no 4º Fórum das Águas do Rio Doce.

Gente nossa

Rendemos nossas homenagens àqueles que nos ajudam a publicar a revista de acordo com as regras da língua portuguesa. Jornalistas de talento reconhecido em Caratinga e região, Carlos Alberto Fontainha e José Carlos Cerqueira são também revisores da REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE, desde sua primeira edição. Nos últimos números passaram a contar com o apoio do jovem Iberê Paiva, mas isto é outra história...



Expo Zaragoza



A bacia do rio Doce não poderia ficar de fora da Expo Zaragoza, o maior evento internacional sobre o tema água realizado nos últimos anos. Através de um convite do IIDAC – Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania, a jovem coordenadora do Programa Geração Futura no Projeto Águas do Rio Doce, Priscilla Fabiana, participou da 2ª Jornada Internacional

de Água e Juventude entre os dias 16 e 18 de julho, na Espanha.

O evento contou com o apoio da OIJ – Organização Iberoamericana de Juventude – e do Conselho de Juventude da Espanha, se constituindo em uma excelente oportunidade para socialização de experiências que se implementam em mais de 70 países, lideradas por organizações juvenis. Com certeza teremos boas notícias para o Fórum Mirim e todo o programa Geração Futura.

Errata

Na edição passada (REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE nº 7) publicamos uma matéria especial sobre os Dez Anos do Consórcio Guandu. Entre diversas informações e depoimentos, havia uma linha do tempo com os principais acontecimentos ao longo do período.

Após publicada, a equipe do Consórcio

identificou alguns erros na linha do tempo que, acompanhados de um pedido de desculpas, corrigimos agora nesta errata: **1)** (p.57) Em 1997 a sede do consórcio não se mudou para Afonso Cláudio, mas foi instalada lá pela primeira vez. / **2)** (p.59) Em 2001 a sede é transferida para Baixo Guandu. / **3)** (p.60) Em 2003 o consórcio fica paralisado. Escelsa, Cesan, Funasa e Seama só assumem a presidência em 2004. / **4)** (p.61) O Consórcio se torna membro do CBH ainda em 2005 e não em 2006, como informamos. / **5)** (p.58) A foto publicada na página estava errada. A foto abaixo, sim, registrou a reunião do Consórcio Guandu no lema.



COMPROMISSO SOCIAL E RESULTADO NA BACIA DO RIO DOCE

***Por Paulo Paim**

Ao olhar menos acostumado ou se observado superficialmente num primeiro contato, o Fórum das Águas do Rio Doce é mais um evento estruturado classicamente. Uma parte formada por eventos técnicos, associada a uma feira ou exposição ou vice versa. Engano total!

Depois de três tentativas fui ao Fórum em Linhares com a missão de participar como mediador de alguns dos eventos técnicos e como observador. Resultado, uma fantástica surpresa!

Embora com um formato realmente clássico, o Fórum das Águas do Rio Doce não tem nada de conservador, muito ao contrário. Todo o seu desenvolvimento está baseado num eficiente e abrangente processo social, político e cultural que tem na informação e na

participação social seus dois alicerces básicos.

Sou de um estado da federação [RS] que tem tradição em movimentos sociais e políticos, mas o processo de inserção da informação e de mobilização da sociedade em torno do tema água e suas consequências promovido pelo Fórum é realmente um excelente exemplo a ser copiado e adaptado a outras bacias hidrográficas do país.

O olhar mais acurado percebe, então, que a Feira não é uma feira tradicional de eventos dessa natureza, mas sim um imenso caleidoscópio de informações e atividades que representam o conjunto social e político da região. E que conta com a participação maciça de jovens de todas as idades vindos das escolas de todos os municípios que compõem a bacia hidrográfica.

Novamente o afoito poderá concluir que o Fórum não passa de um evento lúdico montado para o deleite de jovens e crianças.

Errará outra vez! O Fórum das Águas da Bacia do Rio Doce conta com o apoio e a participação efetiva da representação política da Bacia. Nesta 4ª edição contou com a presença pessoal do governador do Espírito Santo e de representantes estratégicos do governo de Minas.

No plano técnico uma constatação importante. As atividades técnicas, além do valor momentâneo, são base para a criação de projetos reais de interesse da sociedade, garantindo com isso dois resultados: credibilidade e vida longa ao Fórum e ações consequentes de gestão ambiental na bacia hidrográfica do rio Doce.

**Consultor do Projeto Águas do Rio Doce*



Espaço das águas



Cartas para: redacao@aguasdoriodoce.com.br
ou Caixa Postal 13 - CEP. 35.148-000
DOM CAVATI - Minas Gerais

CREDCOOPER

25 anos dedicados ao desenvolvimento de uma região



A Credcooper – Cooperativa de Crédito dos Produtores Rurais da Região de Caratinga – é muito além de uma instituição financeira consolidada no mercado. Há 25 anos promove o desenvolvimento da comunidade, preocupada sempre com as questões socioambientais.

São mais de quatro mil cooperados, representados por um Conselho Gestor atuante nos comitês das bacias hidrográficas dos rios Doce e Caratinga desde sua formação. A Credcooper detém, hoje, a cadeira do setor da agricultura no colegiado de ambos comitês.

Presente em sete municípios dessas bacias, a cooperativa planeja uma grande expansão para os próximos anos. “Já estamos abrindo a oitava agência neste semestre, em São João do Oriente, e até 2012 pretendemos abranger um total de dezesseis cidades da região”, diz Joaquim Marques Neto, diretor administrativo da instituição. Em consonância com o modelo de planejamento da Agenda 21 e da Política Nacional de Águas, o foco da expansão será a região hidrográfica DO5, que engloba principalmente a bacia do rio Caratinga. Quase todos os municípios passarão a contar com uma agência da Credcooper.

Fundada em 1983 como braço financeiro dos associados da Coopercana – Cooperativa dos Produtores de Cana da Região de Caratinga –, a Credcooper tem uma história de lutas e de parcerias. Entre os anos de 1986 e 1990 a instituição passou por uma série de turbulências. A crise econômica vivida pelo País, com um dos maiores surtos inflacionários da história, acabou desestruturando a cooperativa, que deixou de ter milhões e passou a ter centavos, relem-

bra o diretor.

Com o auxílio da Copercafé – Cooperativa dos Cafeicultores da Região de Caratinga – a Credcooper foi reativada em 1992. Em menos de 10 anos cresceu tanto que ao fim da década de 90 adquiriu sua própria sede, e não parou mais de se fortalecer. Para o seu diretor presidente, Sérgio Stevanato, o diferencial está na forma como a cooperativa atua no mercado.

“Ao contrário das outras instituições financeiras, que tiram os recursos da região para aplicar em outras praças, nós buscamos recursos externos e aplicamos no mercado interno”.

A cooperativa é integrante do Sicoob/Crediminas – Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil / Cooperativa Central de Crédito Rural de Minas Gerais –, e atualmente atende não só o produtor rural; todo cidadão

pode ser associado e participar como um dos donos da instituição, desfrutando de serviços mais baratos. O presidente Sergio Stevanato tem orgulho de dizer: “Nossa cooperativa funciona como uma família, e todos os cooperados se sentem em casa”.



Assembleia geral: na Credcooper os associados é que são os donos do banco

A Credcooper tem agências em:

Caratinga, Inhapim, Piedade de Caratinga, Santa Bárbara do Leste, Santa Rita de Minas, São Domingos das Dores e Vargem Alegre.



Fone (33) 3321-4030

e-mail credcooper@prodatanet.com.br

BEBA SEM MODERAÇÃO

Krenak

Água Mineral Natural

MAS ÁGUAS do DOCE

Nesta página, alguns dos muitos momentos de confraternização, encontros, homenagens, lançamentos, manifestações de amizade, alegria e muito mais, ocorridos nas atividades que precederam o 4º Fórum das Águas do Rio Doce e também durante o evento em Linhares.



A REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE

continua sua trajetória de sucesso na bacia e até fora dela. Desde o fim de 2007 pode ser encontrada nas bancas da Grande Vitória. A partir do segundo semestre de 2008, estará também na Região Metropolitana do Vale do Aço.

Nas fotos, a revista em Linhares-ES, na inauguração da Trop Brasil, em Colatina-ES, em evento da Rede de Saneamento e em Aimorés-MG, na Câmara de Vereadores.



A jornalista Míriam Leitão, nossa homenageada da coluna *Eu Sou do Doce*, foi a grande estrela da inauguração da moderna loja do Grupo Tradição, em Ipatinga-MG. Autoridades, empresários e muita gente importante da região prestigiou o evento. O anfitrião, empresário Geraldo Rodrigues de Carvalho, anunciou que o grupo pretende continuar no Vale do Aço sua tradição de qualidade em venda, locação e incorporação de imóveis.



Em João Monlevade, muita alegria na homenagem á garotada do Fórum Mirim. Em Linhares, comemoração do sucesso do curso técnico em meio ambiente, da escola estadual Emir de Macedo Gomes, obtido pelo projeto Curso D'água que encantou a todos durante o 4º Fórum das Águas do Rio Doce. Também em Linhares, lançamento de livro da escritora Maria Lúcia Zunti, visita das jornalista Fabiane Torres e Caroline Correia ao taxidermista Elias Lorenzutti e ação do Instituto Biológico na Laoga Juaparnã. Em Brasília, seminário de jornalistas promovido pela ANA. Lançamento da Gran Expões – 2008, maior evento do agronegócio do centro leste brasileiro, na sede da Rede Gazeta, em Vitória





Piedade de Caratinga

Aconchegante e bem cuidada

Piedade de Caratinga é uma das cidades mais jovens da bacia. Emancipada em 1995, tem 6.850 habitantes e pouco mais de 100km² de área. O tamanho do município facilita a solução dos problemas, enquanto o trabalho da administração pública, em parceria com a comunidade, vem refletindo na qualidade de vida da população. Na cidade não há esgoto a céu aberto nem lixo espalhado pelas ruas. Todas as casas têm água tratada, captada no leito do córrego Piedade. No conjunto habitacional da cidade, sessenta casas populares possuem fonte de energia natural por aquecimento solar.

A questão ambiental é prioridade no município, que possui uma Usina de Reciclagem e Compostagem de Lixo, modelo para outras

cidades da região. A coleta seletiva é feita em toda área urbana, em seguida, a separação do lixo. Quinze toneladas de materiais são recicladas todo mês. Plásticos, papel, alumínio e outros materiais recicláveis são vendidos à indústria; resíduos orgânicos transformam-se em composto para uso como adubo.

Em funcionamento desde 1998, somente em 2005 a usina de separação e destinação de lixo de Piedade conseguiu a licença de operação da Feam – Fundação Estadual do Meio Ambiente – e passou a receber o ICMS Ecológico, incentivo fiscal que na cidade é aplicado em educação ambiental. O processo de licenciamento se arrastou por sete anos e foi complicado e burocrático: “mas ainda assim valeu a pena, pois os benefícios superam

os problemas”, explica o prefeito, que considera a usina um forte instrumento de conscientização para os estudantes.

O aterro sanitário da usina também funciona sob autorização da Feam e cumpre todas as normas legais, com valas de depósito específicas para cada tipo de material.

Outra grande conquista do município na área ambiental foi a despoluição do córrego da Piedade, que corta a área urbana numa extensão de 1.500m. O próximo passo é colocar a ETE – Estação de Tratamento de Esgoto – em funcionamento. Com projeto aprovado pela Funasa – Fundação Nacional de Saúde –, a ETE de Piedade já está em fase de construção e o sistema de coleta de esgoto doméstico funcionando.

ATRATIVOS NATURAIS



PALAVRA DO PREFEITO



Consciência

A economia de Piedade de Caratinga é sólida e vem crescendo baseada na agricultura, principalmente cafeicultura e olericultura (hortaliças). A área agrícola é responsável por 80% da economia municipal e as perspectivas são de melhoras, pois os produtores estão sempre em busca de conhecimento, melhorando técnicas de manejo, participando de cursos de reciclagem e trabalhando novos mercados. São pequenos produtores, com boa renda *per capita* e independentes: fatores que contribuem para a competitividade e concorrência, melhorando preço e qualidade dos produtos que chegam à população.

Outros setores começam a ganhar espaço no pequeno município, caso do Ecoturismo, do Turismo Rural e dos investimentos imobiliários.

Alguns proprietários já estão abrindo suas fazendas e sítios para receber visitantes para passeios ecológicos, trilhas, banhos de cachoeira e diversos atrativos da natureza. Enquanto isso, outros investem em condomínios que oferecem conforto para quem quer se distanciar dos centros urbanos.

Assim é Piedade de Caratinga. Uma cidadezinha do interior de Minas Gerais, da bacia do Doce, pertinho de Caratinga, a sete quilômetros da BR-116 e da RPPN Feliciano Miguel Abdala, onde ainda se encontra o maior primata das Américas, o Muriqui. Com suas belezas naturais, clima frio e aconchegante, a cidade está sempre limpa e bonita, pronta para receber a todos, sob as bênçãos da padroeira Nossa Senhora da Piedade.

"Piedade de Caratinga é modelo regional de qualidade de vida e desenvolvimento sustentável. Tem vocação turística e residencial, por isso investimos na infraestrutura urbana. Os moradores são incentivados a promover atividades que transformem esse potencial em renda.

O trabalho na área ambiental envolve o setor de educação e traz benefícios para a população. Todas as escolas têm a disciplina Educação Ambiental na grade curricular. As crianças aprendem a importância da preservação de nascentes, da coleta seletiva e reciclagem, visitam a usina e conhecem o processo.

Quando recebemos uma cadeira no CBH-Caratinga, tivemos a oportunidade de mostrar Piedade ao Brasil. E fizemos isso. Hoje, projetos municipais de gestão dos recursos hídricos, como arborização do córrego que corta a cidade, são exemplo divulgado pelo Ministério do Meio Ambiente.

Ações de preservação e conscientização ambiental têm de ser pequenas e constantes para obter grandes resultados. Meio ambiente é assunto de todo dia. É preciso começar a cuidar hoje, já!"

Luis Sabino
Prefeito de Piedade de Caratinga

OPÇÃO PELA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Em Piedade de Caratinga, os recursos do ICMS Ecológico, obtidos através da usina, são aplicados em campanhas de educação e conscientização ambiental. São cartazes e panfletos, ações de mobilização municipal, promoção de eventos em datas comemorativas e incentivo a pro-

jetos realizados nas escolas. A idéia básica é que a educação ambiental é um trabalho de longo prazo, de extrema importância para a conscientização da população e deve atingir a todos, pois muitas ações, a exemplo da coleta seletiva, se iniciam nas ações individuais.

***Espaço interno
suficiente pra caber a felicidade
de quem dirige.***



RAV4



A única montadora brasileira que oferece essa tranquilidade de fábrica para toda a linha.



NORTE | NOROESTE
2103.9200 | 2101.6200

www.kurumaveiculos.com.br

**Gerando trabalho, renda e desenvolvimento,
a Aracruz cultiva riquezas para nossa terra.**

